



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Camila Queli Silva de Vasconcellos

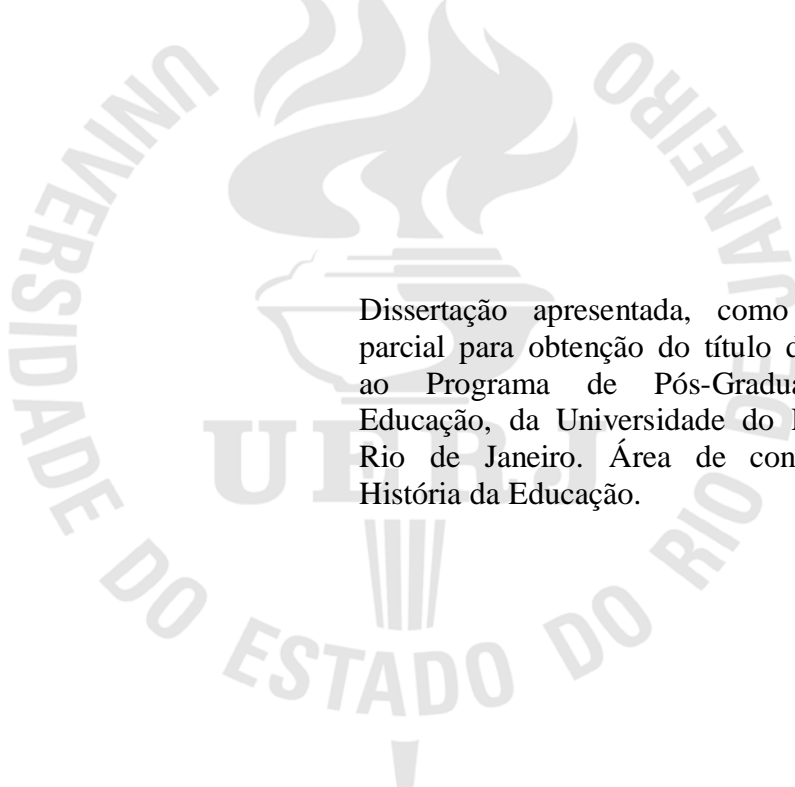
**Homeshcooling no modelo de coletivo parental: a experiência da
creche Quintal**

Rio de Janeiro

2022

Camila Quali Silva de Vasconcellos

Homeschooling no modelo de coletivo parental: a experiência da creche Quintal



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

V331 Vasconcellos, Camila Queli Silva de
Homeschooling no modelo de coletivo parental: a experiência da Creche
Quintal / Camila Queli Silva de Vasconcellos. – 2022.
130 f.

Orientadora: Maria Celi Chaves Vasconcelos.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Educação domiciliar – Teses. 3. Creche – Teses. I.
Vasconcelos, Maria Celi Chaves. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia. III. Título.

bs

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Camila Queli Silva de Vasconcellos

Homeschooling no modelo de coletivo parental: a experiência da creche Quintal

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação.

Aprovada em 20 de setembro de 2022

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos (orientadora)
Faculdade de Educação – UERJ

Prof. Dr. Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel
Faculdade de Educação - UCP

Prof.^a Dra. Lia Ciomar Macedo de Faria
Faculdade de Educação - UERJ

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os meus educandos e às minhas educandas, por fazerem de mim professora.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, obrigada, obrigada. Obrigada a você que está aqui lendo a minha dissertação, dedicando seu tempo, sua escuta e seu olhar. Sou profundamente grata a mim mesma pela força de vontade de escrever uma dissertação de mestrado, pela determinação em buscar uma vaga na pós-graduação da UERJ, minha universidade-casa do coração onde me graduei em Pedagogia e mergulhei na educação, pela coragem de idealizar minha vida no sonho e concretizar no amor. Sou inteiramente grata às circunstâncias, que às vezes são chamadas de acaso, que me levaram ao encontro do tema da minha pesquisa e que me trouxeram até aqui. Sou verdadeiramente grata às pessoas, essas tantas e diversas que cruzaram meu caminho e me afetaram contribuindo para a concretização da minha pesquisa. Dentre essas pessoas, agradeço à minha mãe, Cláudia, e meu pai, Dorian, pelo incansável estímulo e apoio para que eu seja eu mesma e alcance os meus objetivos na vida; aos meus irmãos, Priscilla e Mateus, por me incentivarem a crescer e dizer ao mundo o que eu acredito ser o ideal; ao meu sobrinho afilhado, Henri, amor profundo e genuíno no alto dos seus cinco anos, criança minha que me inspira a pensar e fazer a educação que eu acredito; ao meu bebê que me transmuta e me faz pensar num mundo melhor a cada dia; um agradecimento muito especial à minha orientadora, Maria Celi Chaves Vasconcelos, pela orientação, por acreditar na minha pesquisa, por me inspirar, com o seu exemplo de mulher, professora, mestra, doutora, a ser pesquisadora e senhora das minhas ideias; aos responsáveis dos meus educandos que antes de tudo já me chamavam de mestra e me confiaram as suas crias, apoiando as minhas ideias, o meu trabalho e a minha prática pedagógica; à Pilar minha parceira de trabalho que esteve comigo durante esses anos de creche parental; às crianças, minhas educandas queridas e amadas, que são as protagonistas dessa história e o grande motivo da criação e perduração desse coletivo educacional, que fizeram de mim uma professora pesquisadora.

“Educador educa a dor do diferenciar-se, a dor da individuação, educando a autonomia. Educador educa a dor da imprevisão, a dor do incontrolável, educando o entusiasmo da criação”.(FREIRE, 2008)

RESUMO

VASCONCELLOS, Camila Queli Silva de. **Homeschooling no modelo de coletivo parental**: a experiência da Creche Quintal. 2022. 130f. Dissertação - (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2022.

O trabalho tem como tema a educação domiciliar na atualidade, com foco numa experiência de creche parental no período de 2017 a 2021. O objetivo central do estudo é, então, analisar a experiência com a creche parental chamada *Quintal* como alternativa para a educação de crianças pequenas e as reconfigurações necessárias para a sua continuidade durante a pandemia da covid-19. O problema de pesquisa é, a partir da minha experiência, evidenciar o que é uma creche parental e quais são as potencialidades e dificuldades para a sua existência. Considerando o problema e os objetivos traçados até aqui, foi definida como linha de pesquisa uma abordagem metodológica de pesquisa-ação, visto que a experiência é empírica, com observação, imersão e convívio com o grupo social estudado. O referencial teórico remete aos estudos de Vasconcelos, cujas concepções fundamentam o debate do crescente movimento de educação domiciliar no Brasil. Espera-se com este estudo criar uma orientação de referência para quem realiza ou tem interesse em iniciar uma educação domiciliar com formato de creche parental, a partir de uma experiência registrada e analisada.

Palavras-chave: Creche parental. Educação domiciliar. *Homeschooling*. Creche Quintal.

ABSTRACT

VASCONCELLOS, Camila Queli Silva de. **Homeschooling in the parenthood mode: the Quintal care experience.** 2022. 130f. Dissertação - (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2022.

The work has as its theme home education today, focusing on an experience of parental day care in the period from 2017 to 2021. The main objective of the study is, then, to analyze the experience with the parental day care called Quintal as an alternative for the education of children and the necessary reconfigurations for their continuity during the covid-19 pandemic. The research problem is, from my experience, to show what a parental day care center is and what are the potentialities and difficulties for its existence. Considering the problem and the objectives outlined so far, a methodological approach of action research was defined as a research line, since the experience is empirical, with observation, immersion and interaction with the social group studied. The theoretical framework refers to the studies of Vasconcelos, whose conceptions underlie the debate on the growing homeschooling movement in Brazil. It is hoped with this study to create a reference guideline for those who carry out or are interested in starting a home education with a parental day care format, based on a recorded and analyzed experience.

Keywords: Parental daycare. Home education. Homeschooling. Backyard daycare.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Primeira aula na creche parental em ambiente doméstico	18
FIGURA 2- Criando experiências pedagógicas na praça	19
FIGURA 3- Crianças observando o lago dos peixes no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.....	21
FIGURA 4 - Bebês vivendo uma proposta pedagógica na sala da casa	51
FIGURA 5 - Bebês brincando com a terra na varanda da casa	52
FIGURA 6 - Educanda e pedagoga lendo na varanda da casa.....	53
FIGURA 7 - Experiências sensório-motoras na praça.....	62
FIGURA 8 - Crianças em roda lanchando.....	63
FIGURA 9 Desenho da planta da casa.....	65
FIGURA 10 – Quintal.....	69
FIGURA 11 – Passeio ao Museu do Amanhã.....	70
FIGURA 12 – Passeio ao Museu Eva Klabin.....	71
FIGURA 13 – Passeio na Lagoa.....	72
FIGURA 14 - Crianças brincando dentro da casa.....	73
FIGURA 15 – Crianças ouvindo história dentro da casa.....	74
FIGURA 16 – Materiais do Quintal para o Quintal da Mata.....	76
FIGURA 17 – Pedagoga e crianças após colheita.....	80

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Teses e Dissertações do banco da Capes com as palavras-chave: creche parental, educação domiciliar, homeschooling, desescolarização, educação alternativa, criança e infância.....	33
QUADRO 2 – Pesquisa no banco de Teses e Dissertações da Capes sobre creche parental.....	35
QUADRO 3 – Livros utilizados como Referencial Bibliográfico.....	43
QUADRO 4- Artigos científicos sobre a temática do homeschooling.....	47
QUADRO 5 – Creche Parental Quintal (2017).....	59
QUADRO 6 – Planejamento (2017).....	60
QUADRO 7 – Creche Parental Quintal (2018).....	66
QUADRO 8 – Planejamento (2018).....	67
QUADRO 9 – Creche Parental Quintal da Mata (2020/2021).....	77
QUADRO 10 – Planejamento (2020/2021).....	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CHE - Cadernos de História da Educação
RBHE - Revista Brasileira de História da Educação.
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UCP – Universidade Católica de Petrópolis
PUC – Pontífica Universidade Católica
UFRS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USP- Universidade de São Paulo
UFRJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
STF – Supremo Tribunal Federal
ANED – Associação Nacional de Educação Domiciliar
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
INSS – Instituto Nacional do Seguro Social
EUA – Estados Unidos da América

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	UMA EXPERIÊNCIA INOVADORA DE HOMESCHOOLING: A CRIAÇÃO DA CRECHE PARENTAL	24
1.1	Homeschooling no modelo de coletivo parental: revisão de literatura	32
1.2	A casa se abre e a educação acontece	49
1.3	As reuniões: planejando a ação	55
2	A CRECHE PARENTAL CHAMADA QUINTAL	58
2.1	Creche parental <i>Quintal</i>: evoluindo para um espaço fixo	65
2.2	<i>Quintal</i> da Mata: uma reconfiguração para educar na pandemia	75
2.3	Desafios e perspectivas	81
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
	REFERÊNCIAS	90
	APÊNDICE A Diário de campo.....	94
	ANEXO A Parecer às emendas de Plenário ao Projeto de Lei 3.179 da relatora Deputada Luisa Canziani.....	119
	ANEXO B Submenda Substitutiva ao substitutivo ao Projeto de Lei nº 3.179, de 2012 e seus apensados pela Relatora Deputada Luisa Canziani em Maio de 2022.....	124

INTRODUÇÃO

Em minha trajetória pedagógica, atuei como professora em diversas instituições privadas de ensino, com propostas de escuta à criança e abordagem pedagógica baseada na construção do conhecimento e na criança como protagonista de seu aprendizado. Essas propostas, na teoria, eram encantadoras, sedutoras e ilusórias, na medida em que, na prática, a quantidade de crianças por turma era grande, os responsáveis eram clientes que precisavam urgentemente ser atendidos sob qualquer circunstância, os professores tinham que corresponder à demanda das crianças, dos responsáveis-clientes e dos chefes “disfarçados” de coordenação e direção pedagógica. E eu era uma dessas professoras seduzida pela ideologia bem-posta na teoria e desiludida pela realidade da prática educativa no cotidiano das escolas privadas. O trabalho docente nesses espaços significava estresse, exaustão e desânimo. Nesse contexto que rompi pela primeira vez com a instituição “escola-privada”, aquela que frequentei a vida inteira na minha formação como aluna da educação básica e como professora, nos sete primeiros anos da minha atuação no magistério, após a graduação em pedagogia na UERJ.

O meu rompimento aconteceu em julho de 2017. Deste modo, recolocar-se no mercado de trabalho no meio do ano não é uma tarefa fácil para os profissionais da educação, pois é quando a escola está com seu quadro de professores completo, o currículo está sendo aplicado a todo vapor e resta apenas um semestre para o fim do ano letivo. Diante dessa realidade, tirei um tempo para refletir sobre os saberes da formação profissional, os saberes das ciências da educação, os saberes pedagógicos e para autoavaliar a minha prática pedagógica. Naquele momento precisei discernir o que eu desejava como professora, o que acreditava que seria um ideal de educação e como eu poderia fazer para unir teoria e prática na minha a(tua)ção pedagógica. Logo, desassociar minha experiência pessoal e profissional aos saberes da prática docente seria inviável, já que o diálogo de um com o outro é imprescindível para a criação de uma identidade pedagógica. Nas palavras de Tardif (2002):

[...] o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares (TARDIF, 2002, p.11).

O tempo que fiquei refletindo sem atuar pedagogicamente foi mínimo, em duas semanas fora da “escola-privada” recebi uma ligação de uma mãe que queria indicar meu trabalho para um grupo de responsáveis (pais e mães) que estavam à procura de uma pedagoga para acompanhar a creche parental deles. Minha inserção ao tema educação domiciliar iniciou-se naquele momento. Aceitei o convite para uma entrevista sem ter ideia do que era uma creche parental. Nas buscas superficiais que fiz na internet encontrei apenas uma matéria de revista¹ falando de como as famílias se organizavam para cuidar das crianças e sobre o crescimento dessa prática no Brasil.

Diante dos acontecimentos da minha vida profissional, da busca pela autoavaliação da minha prática e do desejo de criar algo novo, mergulhei nessa experiência, que me levou ao encontro dos estudos sobre a prática de educação domiciliar - ou *homeschooling* -, da minha professora e orientadora, Maria Celi Chaves Vasconcelos, a quem não via há dez anos, desde a graduação em pedagogia na UERJ. Esse reencontro conduziu-me ao grupo de estudos História e Memória das Políticas Educacionais no Território Fluminense, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UERJ.

A creche parental onde comecei a trabalhar em agosto de 2017, após a entrevista com os responsáveis, existiu até o dia 30 de julho de 2021, e sobreviveu em meio à pandemia de covid-19, e nesta dissertação narrarei esta experiência no período indicado. Quando comecei a atuar nela eu não tinha bases teóricas ou exemplos de como funcionava. Todo o projeto educacional foi criado, elaborado e até mesmo esculpido a partir da escuta do grupo de pais e mães em conjunto com meus saberes teóricos, num diálogo com minha experiência docente e meus ideais de prática pedagógica, somados com a escuta afetiva do desenvolvimento infantil e do tempo interno de cada criança.

No ano de 2019, após dois anos da creche parental consolidada e com êxito me senti impulsionada a buscar os estudos sobre a educação domiciliar. Foi quando descobri que o termo creche parental remetia a um escasso material acadêmico, e as palavras-chaves *homeschooling*, educação domiciliar e educação doméstica me levaram ao encontro da pesquisa da professora Maria Celi Chaves Vasconcelos. Imediatamente entrei em contato com ela por e-mail, contando do meu projeto, e fui convidada a

¹ CARPEGIANI, Fernanda. Creche parental: como as famílias se organizam para cuidar das crianças. **Revista Crescer**: São Paulo, 13 jun. 2017. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Rotina/noticia/2017/06/creche-parental-como-familias-se-organizam-para-cuidar-das-criancas.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

frequentar o grupo de estudos. Após processo seletivo em 2019, ingressei no mestrado em educação em 2020 e oficialmente iniciei minha pesquisa acadêmica sobre o tema homeschooling no modelo de creche parental.

Em um primeiro momento, a pesquisa voltava-se para o relato da minha experiência prática de construir uma creche parental que funcionava desde 2017, problematizando seus desafios, perspectivas e abordagens, dialogando com trabalhos acadêmicos que se aproximassem ao tema.

No início de 2021, foi lançado o livro *Educação Domiciliar no Brasil: mo(vi)mento em debate*, uma coletânea de quatorze capítulos organizada pela professora Maria Celi Chaves Vasconcelos. Nele encontrei textos diversos, alguns oriundos de pesquisas teóricas e/ou empíricas e outros que são ensaios sobre a educação domiciliar, a desescolarização, a educação doméstica e o debate contemporâneo que permeia o tema. Através de um mergulho nessa obra, embaso a minha pesquisa.

Dessa forma o problema de pesquisa é, a partir da minha experiência, evidenciar o que é uma creche parental e quais são as potencialidades e dificuldades para a sua existência.

Assim, após um longo processo de análise das referências bibliográficas e tendo em vista que a prática organizada e estruturada pode promover a educação e o desenvolvimento de crianças pequenas, a pesquisa em pauta tem como questões complementares à questão problema: Como as famílias se organizam para realizar a creche parental? Quais são as inspirações e características do modelo no Brasil? Por que as pessoas buscam esse modelo de educação? Quem busca essa alternativa de educação? Como foi a experiência da creche parental *Quintal*? Como a creche parental *Quintal* se reorganizou durante a pandemia de covid-19? Quais as perspectivas da prática quando estruturada e organizada com a presença de um pedagogo? Como está a autorização e regulamentação da educação domiciliar no Brasil?

A pesquisa busca contribuir para um aprofundamento das possibilidades da educação alternativa, visto que a criança muito pequena, na sua primeira infância de 0 a 3 anos, fica mais propensa a estar perto de casa e da família, em espaços educativos com pequenos grupos de crianças, e que a escolha de uma iniciativa educacional organizada e estruturada pode vir a ser uma opção para a construção do primeiro ciclo social que a criança cumpre, ainda que no modelo de educação domiciliar.

O objetivo central do estudo é, então, analisar a experiência com a creche parental chamada *Quintal* como alternativa para a educação de crianças pequenas e às

reconfigurações necessárias para a sua continuidade durante a pandemia da covid-19. A partir desse objetivo central, destacam-se os seguintes objetivos específicos: identificar o que caracteriza uma creche parental; analisar quais as inspirações e características do modelo no Brasil; identificar quem são as pessoas e por que buscam esse modelo de educação; apresentar como se organizam para realizar a creche parental; descrever a experiência da creche parental *Quintal*; evidenciar como a creche parental *Quintal* se reorganizou durante a pandemia de covid-19; verificar as perspectivas da prática quando estruturada e organizada com a presença de um pedagogo; analisar o debate em torno da autorização e regulamentação da educação domiciliar no Brasil.

Assim, considerando o problema e os objetivos traçados até aqui, foi definida como linha de pesquisa uma abordagem metodológica de pesquisa-ação, visto que a experiência é empírica, com observação, imersão e convívio com o grupo social estudado. Thiollent (2011), na figura de precursor no Brasil, evidencia a definição da pesquisa-ação como:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Na condição de uma pesquisa participativa, a pesquisa-ação rompe com paradigmas vinculados ao lugar do pesquisador e do participante. Assume estreita relação com a interação entre eles, pois, unidos por um determinado problema, desenvolvem ações coletivas em prol de sua resolução. Entre o envolver e o envolver-se, a intervenção toma forma com o objetivo de propor mudanças para a situação investigada.

Com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para os esclarecimentos das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes. (THIOLLENT, 2002, p. 75)

As atribuições da pesquisa-ação para a transformação da prática dos envolvidos na pesquisa seguem na medida em que o processo vai se desencadeando, de forma a construir caminhos de aprendizagem e de tomada de consciência. A “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar à ação que se decide tomar para melhorar a prática”. (TRIPP, 2005, p.

447). Dentro do cotidiano da creche parental as observações da prática doente eram registradas no diário de campo, e ainda em campo as reflexões eram analisadas e correlacionadas com as referências bibliográficas que estavam sendo estudadas, além das trocas que o grupo de pesquisa proporcionava. A experiência de campo endossava a pesquisa acadêmica que no vai e vem endossava a experiência de campo.

Thiollent (2011) destaca alguns aspectos principais da pesquisa-ação, vista como estratégia metodológica da pesquisa social:

I) ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; II) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta; III) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação; IV) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; V) durante o processo há um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação; VI) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados. O que fica notório é que a participação é preceito básico para que ocorra a pesquisa-ação. (Thiollent 2011, p. 22-23).

Desse modo, a pesquisa tem como procedimentos metodológicos a experiência empírica, a pesquisa de campo, a análise de produções bibliográficas atualizadas acerca do homeschooling e educação domiciliar e a observação a partir da docência. A experiência empírica se refere à creche parental que acontecia todos os dias, no período da tarde de treze às dezoito horas que representava uma escola fora da escola, a educação era realizada em um ambiente doméstico sob orientação de uma pedagoga e administrada pelos responsáveis das crianças. A pesquisa de campo se deu a partir do momento da tomada de consciência da professora que descobriu a partir dos estudos que aquele projeto de creche parental era uma forma de educação domiciliar ou homeschooling em uma modalidade diferente, no formato de creche parental, atendendo crianças de 0 a 3 anos. A análise de produções bibliográficas atualizadas acerca da educação domiciliar e do homeschooling no Brasil trouxe o embasamento, a história e a situação atual da regulamentação da prática sob a perspectiva de discussão e reflexão da prática pedagógica dentro de um movimento crescente no Brasil. A observação a partir da prática docente junto com o desenvolvimento das crianças sendo alcançado dentro do

modelo de creche parental foi a mola propulsora para a realização desta pesquisa-ação. Em meio a práxis pedagógica, a creche parental que estava sendo desenvolvida num ambiente doméstico significava parte de um movimento em debate no Brasil e em algumas partes do mundo, que não possuíam uma regulamentação, uma referência para se inspirar, e que foi realizada a partir da soma de fatores em comum que conectaram crianças, famílias e professora. A tomada de consciência da ação impulsionou a pesquisa.

A pesquisa busca evidenciar, ainda, dados importantes da legislação acerca do homeschooling e da educação domiciliar no Brasil, tema altamente em debate com as mudanças inevitáveis no cenário da educação em função da pandemia da covid-19, que mudou a rotina das escolas e casas brasileiras.

A fonte principal desta pesquisa é o diário de campo da pesquisadora, onde se encontram os registros da experiência docente empírica, com fotografias, vídeos e anotações que embasam a pesquisa-ação do modelo de educação domiciliar no modelo de creche parental.

Na Figura 1 apresento uma fotografia do primeiro encontro com o grupo de crianças que compunham a turma da creche parental, que aconteceu na sala da casa de uma das avós, no esquema de rodízio das residências para a realização dos encontros educacionais da creche. A fotografia mostra as crianças em seus processos de aprendizagem, o ambiente doméstico e as adaptações construídas para a educação das crianças na casa. Na bancada onde os bebês estão apoiados, os vasos de cerâmica da casa foram substituídos por argolas de plástico, convidando-os a levantarem-se, apoiarem-se e brincar com o material.

Figura 1- Primeira aula na creche parental em ambiente doméstico



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Na educação domiciliar, a casa é uma das opções para realizar os encontros da turma, mas não é uma regra, os espaços públicos, como praças, parques, praias e museus, são outras opções recorrentes para a realização da prática, como afirma Santos (2020):

Casa, neste contexto, não necessariamente remete-se ao local de domicílio, podendo se referir a outros ambientes quaisquer, pois o espaço físico optado pela família não é o que define esse tipo de educação. É mais relevante o fato de buscar-se promover uma educação, que se relaciona, em alguma medida, a educação promovida na escola, embora sem passar pelo crivo ou pela ingerência de uma instituição escolar específica. Esse modelo de educação possibilita a (re)organização do currículo, rotina e *modus operandi* sob a óptica diversa da escola formal; assim, a lógica familiar e as demandas, os interesses e as necessidades dos estudantes podem estruturar a relação de aprendizagem (SANTOS, 2019).

Portanto, referindo-se aos diversos ambientes de educação na prática de *homeschooling*, a ‘escola’ torna-se móvel e os encontros variam de lugar, acompanhando as propostas e as demandas do grupo e efetivando a escuta afetiva das crianças envolvidas nesse processo. Na Figura 2, apresento o encontro da creche em uma praça no bairro Jardim Botânico, no município do Rio de Janeiro.

Figura 2- Criando experiências pedagógicas na praça



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Na Figura 2 as crianças estão reunidas, vivendo experiências sensório-motoras relativas à fase de desenvolvimento do grupo, em pleno processo de aprendizagem. Esse momento ocorreu no ambiente da praça do bairro próximo à residência das crianças, com planejamento e olhar pedagógico, fazendo do espaço público um local de aprendizagem e vivência, ampliando os ‘muros’ da escola, indo ao encontro do que sinaliza Santos (2020):

A escola no Brasil, atualmente, é compreendida como obrigatória. Todavia, não há uma única maneira de realizar a escolarização. Há processos de busca por novas configurações escolares que rompem

com as marras dos símbolos da modernidade e que abarquem aspectos das novas configurações da sociedade do conhecimento, não deixando de se questionar, de recriar e de inventar novas possibilidades (SANTOS, 2019).

Em todo o processo de pensar o planejamento, o currículo e o cotidiano da educação domiciliar, o maior desejo era conseguir integrar os saberes, os espaços diversos, a cidade e os espaços públicos, acreditando que a ocupação desses espaços desde muito cedo na tenra infância é capaz de mudar a relação com a sociedade e a preservação da cidade. Confiar que o ambiente também é educador e que a cada visita a aprendizagem é aprimorada ampliou as possibilidades de espaços de educação e propostas pedagógicas para a creche parental.

No município do Rio de Janeiro, há diversos locais ao ar livre, com paisagens distintas e que podem e devem ser ocupados pelas crianças, na medida em que todos os lados ganham com essa experiência: a aprendizagem e os conteúdos, ao abordar o espaço, a relação com o outro, com o coletivo e com o que é público; os espaços, que ao serem utilizados ganham vida, visibilidade, manutenção, novas ideias de arquitetura e mobilidade; a relação com as outras pessoas que também ocupam e dividem esse espaço, compartilhando experiências e convivendo entre si, mesmo que indiretamente; a saúde física e emocional que o ar livre e o contato com a natureza proporcionam ao ser humano; e principalmente as crianças, que são seres em desenvolvimento, por conhecerem a própria cidade e usufruírem dos seus espaços, conhecendo, aprendendo e comunicando-se com eles.

A Figura 3 mostra as crianças experimentando um dia de creche parental no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, observando o lago de peixes. Nesse dia, o objetivo do passeio era investigar os animais que viviam nos jardins da cidade e perto de nós. Para além do momento da fotografia, embora o objetivo fosse um convite à observação, a experiência de visitar o Jardim Botânico vai muito além de ver os bichos, que são inúmeros, desde besouros, formigas, borboletas, pássaros e peixes, até esquilos, macacos, tartarugas e capivaras, sem contar na imensa variedade de plantas, flores, folhas, sementes e paisagens deslumbrantes. Um verdadeiro suspiro em meio à metrópole.

Figura 3- Crianças observando o lago dos peixes no Jardim Botânico do Rio de Janeiro



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

A liberdade de criar um currículo com passeios frequentes, construindo uma aprendizagem a partir do interesse e desenvolvimento de um grupo pequeno, é uma aspiração para professores e educadores que idealizam uma educação de qualidade, com escuta, promoção da autonomia, arte-educação, respeito ao tempo interno de cada criança e desenvolvimento infantil. Possibilidades essas que dentro de uma instituição de ensino, com uma turma cheia de crianças dividindo espaços pequenos em tempos estimados e com um currículo pronto e engessado, são negadas.

Após a prática docente em escolas privadas de ensino com essas características, criar uma creche parental com uma metodologia pedagógica que aproximasse a teoria da prática foi uma experiência enaltecida. Testemunhar, ao longo desses quatro anos, os progressos, as conquistas e o desenvolvimento das crianças, desperta o desejo de contar essa experiência e dividir com outros professores e educadores o que uma prática elaborada e organizada pode promover. No âmbito do debate de ideias e das múltiplas

infâncias que estão espalhadas pelo Brasil, de forma alguma desejo pontuar que essa prática seja a ideal, mas salientar que existem possibilidades e que elas podem ser exploradas, pensadas, adaptadas, recriadas por professores em diferentes contextos sociais, ambientais e subjetivos que cada grupo apresenta, pois é uma porta que se abre e um capítulo diferente que se escreve na história da educação brasileira.

A dificuldade de encontrar outros trabalhos acadêmicos sobre creche parental foi um impulso para a elaboração dessa dissertação, como um caminho a ser percorrido, passando pela produção da história do momento presente e abrindo espaço para futuras escritas sobre o tema.

No capítulo 1 apresento a análise da revisão de literatura, em seguida abordo a história do homeschooling e o fenômeno que esse movimento representa atualmente no Brasil, apresentando-o no modelo de creche parental, partindo das perguntas: “o que é creche parental?” e “quais são as inspirações e as características do modelo no Brasil?”. Dessa forma, pretendo localizar os estudos onde tudo começa: por que as pessoas buscam esse modelo de educação, o que o caracteriza e o torna atraente, como a casa se abre para tal prática e como a educação acontece. Esse capítulo trata também sobre quem busca essa alternativa, como se organizam para realizá-la e os desafios que se apresentam ao construir uma creche parental.

No capítulo 2 apresento a experiência da creche parental chamada *Quintal*, que originou a pesquisa pelo tema de educação domiciliar e que existiu no período entre 2017 e 2021. Pretendo focar a história da creche desde a sua criação, em 2017, enquanto os encontros eram realizados nas casas das famílias, passando pela primeira reconfiguração que levou a creche para um local fixo alugado por elas, com encontros diários que trouxeram mudanças significativas para toda a abordagem e construção pedagógica. Ainda no capítulo 2 apresento a segunda reconfiguração da creche parental, quando foi transferida para um “exílio” no interior do Rio de Janeiro, devido ao início da pandemia da covid-19 no Brasil, a fim de viabilizar a educação presencial das crianças. Nessa experiência, de *Quintal da mata*, a pedagoga e a educadora isolaram-se na serra com as famílias e realizaram um processo intenso de homeschooling. No início da creche parental no ano de 2017 o atendimento era realizado com bebês de 8 meses de idade, e no final, em 2021 essas mesmas crianças estavam com 4 anos de idade.

No capítulo 3 discuto os desafios e perspectivas do movimento de educação domiciliar no Brasil, refletindo sobre a escola e articulando o debate com as questões emblemáticas da não autorização e regulamentação da educação domiciliar no Brasil.

A seguir, apresento a revisão da literatura relativa ao tema, assinalando inicialmente as publicações de teses e dissertações, em seguida os artigos publicados em revistas científicas e os livros, acompanhados de uma primeira análise de cada categoria selecionada para a bibliografia, destacando as contribuições de cada trabalho acadêmico e livros escolhidos para a minha pesquisa.

1 UMA EXPERIÊNCIA INOVADORA DE HOMESCHOOLING: A CRIAÇÃO DA CRECHE PARENTAL

O homeschooling caracteriza-se pelo ensino do conhecimento sendo direcionado, organizado e ministrado pela família ou por auxiliares, fora da instituição escolar. Em todo o mundo, trata-se de uma forma de educar que abrange somente a educação básica. Outra definição encontrada nas pesquisas sobre o tema diz que se entende por homeschooling qualquer situação em que os pais ou responsáveis assumem responsabilidade direta sobre a educação dos filhos em idade escolar, ensinando-os em casa ao invés de enviá-los ao sistema educacional público ou privado. Vale destacar também que a educação domiciliar, além de ser uma forma de educar que a distingue da educação escolar, não se trata de educação a distancia ou, ainda, de aulas particulares e métodos educacionais que compõem o que se chama de reforço escolar.

Dentre as várias possibilidades do termo em português para o homeschooling, foram vistos: educação na casa, ensino em casa, educação no lar, ensino domiciliar, educação familiar desescolarizada, dentre outros. No entanto, o termo escolhido para ser utilizado neste trabalho foi o inglês homeschooling.

No Brasil, os primeiros registros de famílias que adotaram o homeschooling datam na década de 1990, mas o crescimento maior dessa prática surgiu a partir da segunda metade da primeira década desde século XXI. O movimento da educação domiciliar ganhou força nos anos 2000 com um crescente grupo de famílias adeptas, inspiradas pelo homeschooling praticado nos Estados Unidos da América e alguns países da Europa. Segundo Vasconcelos e Boto (2020), essas famílias:

Buscam formulações alternativas, baseadas no avanço e no domínio de novas tecnologias, que permitem pensar na educação fora da escola; desse modo, vem na possibilidade de rompimento com os limites físicos também uma ruptura com o modelo de escolarização vigente. Para tanto, elegem a casa e o ambiente doméstico, novamente, como espaços de educação, capazes de prescindir do aparato físico e imaterial que a escola oferece, descrentes das propaladas reformas que se propõem corrigir as deficiências do sistema escolar, colocando em questão o modelo da escolaridade obrigatória (BOTO, VASCONCELOS, 2020, p.7).

Tal movimento na sua versão moderna, o homeschooling começou nos Estados Unidos, no final da década de 1970 (GAITHER, [2008] 2017), chegando ao Brasil na década de 1990. Hoje é permitido em mais de 63 países.

O movimento ressurgiu a partir de questionamentos sobre a efetividade da escola compulsória nos Estados Unidos, país que já havia alcançado um amplo acesso à escolarização de suas crianças e jovens, diferentemente do Brasil que até duas décadas atrás, não conseguira ainda universalizar a educação básica a toda a sua população em idade escolar.

A possibilidade de educação no lar tem raízes na própria formação colonial brasileira, nas nossas tradições patriarcais e no modelo colonizador, como argumentam Mendonça e Vasconcelos:

Entre as elites brasileiras do século XIX, a educação doméstica era ainda uma prática amplamente aceita e reconhecida por uma significativa parcela dessas elites como a mais adequada para o ensinamento dos seus filhos, principalmente das meninas e dos meninos e meninas até certa idade, e considerada até como um distintivo de posição social. (MENDONÇA; VASCONCELOS, 2005, p. 18-19).

No modelo de educação domiciliar de 1800, acontecia a contratação de professores particulares ou mestres pelas famílias, vindos muitas vezes do exterior e que acabavam morando na mesma casa de seus alunos (VASCONCELOS, 2007); desse modo os pais eram os responsáveis por escolher os preceptores que dariam aula para seus filhos. Entretanto, a versão moderna do homeschooling difere da apresentada no Brasil Oitocentista, emergindo nas últimas décadas questionamentos relacionados à falta de qualidade do ensino oferecido pelas instituições escolares, gerando em muitos pais o sentimento de que o Estado não estaria cumprindo a tarefa de garantir uma educação de qualidade a todos, tampouco de fiscalizar a educação que as instituições particulares de ensino oferecem.

A educação domiciliar também é apontada como a alternativa de mães superprotetoras que temem que seus filhos sofram bullying, rotulações, choques de valores ou até mesmo que sejam vítimas de desastres naturais ou atentados na escola. A possibilidade de normatização do homeschooling no Brasil suscita questionamentos não só sobre a instituição escolar como único espaço de formação, mas coloca em xeque o papel do professor, indagando a necessidade de uma formação específica para o exercício da docência. Dessa forma, o homeschooling pode ser visto como uma ameaça à profissão docente, à história da profissionalização, a cultura pedagógica de valorização do professor, ao reconhecer que os pais podem ser professores dos seus filhos. Contudo, com a regulamentação do homeschooling, um novo campo de atuação docente pode ser criado, dada a possibilidade de contratação de professores pelas famílias para acompanhar e colaborar com o processo de aprendizagem de crianças que

não frequentam a instituição escolar, mas têm sua educação gerenciada pelos pais. Outra problemática é a socialização das crianças que estão vivenciando o homeschooling, pois, ao não frequentarem à escola ficam restritas ao ambiente doméstico, sem a interação com os pares, e sem a proteção da escola caso o ambiente familiar não seja saudável. A escola é vista como o espaço de proteção da criança, e quando a educação é oferecida pelo Estado, pode oferecer o que a família não supre.

Na Constituição Federal de 1988 a educação brasileira é definida, no seu artigo 205, assim:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Portanto, a lei maior do Estado brasileiro reconhece a educação como um direito de todos, que esta educação é dever do Estado e da Família e que conta com a participação de organizações da sociedade civil. A redação demonstra que o objetivo maior é a excelência na educação dos sujeitos, seja no nível pessoal e na sua participação na sociedade. O trecho “dever do Estado e da família” traz interpretações diferentes, que geram tensões entre essas duas instituições, já apontadas por pesquisadoras da educação ao tratar de educação domiciliar:

Há uma polarização que põe em oposição casa e escola, Família e Estado. Percebe-se que, em prejuízo dos próprios destinatários da Educação, em especial a sociedade, essa disputa divergente cumpre o papel de acirrar os ânimos daqueles que deveriam unir esforços para cumprir o objetivo de uma educação universal e de qualidade, conforme se propaga. (KLOH, 2020, p.32)

Para a autora, o objetivo maior deveria se concentrar em formas de educar que garantissem a busca pela educação de qualidade, e a educação domiciliar, desde que cumprisse as exigências, poderia ser considerada como mais uma possibilidade educacional, não precisando ser vista como ameaça à escolarização, o que não acontece atualmente.

O homeschooling existe há muitas décadas e tem despertado o interesse de diversas famílias por inúmeras questões, algumas coletivas outras individuais. Fato é que o movimento cresce, e uma normatização e regulamentação possibilitariam a organização da prática. A cada dia aumentam o número de pesquisas sobre o tema, às

transformações e adaptações da prática, o envolvimento de professores o que torna fundamental a discussão e o estudo do assunto.

Dentre os diversos livros que pesquisei sobre a prática do homeschooling no mundo, com relatos e histórias de famílias que optaram por educar os filhos em casa, fui capturada pela seguinte fala de Knepper, uma mãe adepta dessa prática:

Quando meu filho tinha três ou quatro anos, eu comecei a pensar sobre as possibilidades da pré-escola. Nessa época, não tinha certeza se iria educar em casa ou não, então a pré-escola foi o meu período experimental. Pendurei quadros e calendários coloridos nas paredes e comecei a ensinar as letras, os animais, e as cores. Quando meu filho ficou mais velho, mudei para a fonética, livros de atividades para a pré-escola, e *flashcards* de matemática. Quando ele completou cinco anos eu já tinha oficialmente decidido que ele não iria à creche pública, me tornei uma professora de tempo integral e assumi o compromisso de fazer tudo que estivesse ao meu alcance para fazer com que meu lar ficasse *parecido* com uma creche. (...) Sei que no meu caso precisava provar algo para mim mesma. Tinha que provar que podia educar os meus próprios filhos. Então assumi o compromisso de fazer mais do que estavam fazendo nas escolas. (KNEPPER, 2014, p. 1)

Essa fala da Amy Knepper me fez pensar e refletir o quanto as motivações subjetivas de cada pessoa são capazes de mudar e transformar o processo educativo das crianças. Tais motivações que impulsionam os pais e mães contemporâneos a optarem por assumir a responsabilidade de fazer o papel da escola em suas casas, ou sob sua gerencia em outro espaço, trazem à tona o quanto as famílias querem participar.

No livro *A mente bem treinada: Um guia para a Educação Clássica*, deparei-me com uma obra de 904 páginas repletas de informações sobre como ensinar todos os temas do currículo clássico – Literatura, Redação, Gramática, História, Ciência, Matemática, Latim, Línguas Modernas, Arte, Música, Debate, e mais. Organizado por uma mãe, Jessie Wise, e sua filha, Susan Wise, e o mais curioso da história das autoras desse grande livro é que a mãe, nas décadas de 70 e 80, optou por educar a filha em casa e, anos mais tarde, Susan repetiu a história que viveu e educou seus três filhos no homeschooling. Ambas são professoras e pesquisadoras da educação, atuando nas redes públicas e privadas de ensino na Virgínia, nos Estados Unidos da América. Na obra mãe e filha destacam que ambas chegaram a seguinte conclusão:

São raros os pais que seguem esse programa à risca. A liberdade de criar um programa acadêmico personalizado para os interesses, necessidades, forças, e fraquezas específicos de seu filho é uma das maiores vantagens da Educação Domiciliar. Nós explicamos a filosofia geral que governa cada parte do currículo, mas nossos cronogramas, textos e programas são apenas exemplos de como aplicar essa filosofia na prática. Nós achamos que os textos e programas assentados aqui são

os melhores disponíveis, mas você sempre deve se sentir livre para fazer substituições e seguir as próprias escolhas. (Bauer, Wise. 2019, p. 37)

A prática do homeschooling entre seus adeptos é bastante efetiva. E nos países que o movimento é regulamentado e autorizado, as pesquisas e os livros com guias, exemplos, conteúdos e metodologias são veiculados e utilizados como referência para quem a inicia. No Brasil, por não termos a regulamentação, as práticas que existem de homeschooling são pouco visibilizadas, além de não apresentarem uma regra do que caracterizaria um modelo ideal, abrindo brechas para a criação de diferentes modalidades.

Nesta dissertação, a narração de uma experiência de homeschooling no modelo de creche parental, abre precedentes para uma nova maneira de educar em casa crianças muito pequenas, na idade de creche, e para um novo campo a ser pesquisado, já que é uma prática que tem crescido.

A creche parental é uma alternativa à escolarização no período da creche, de 0 a 3 anos, em que os responsáveis optam por educar as crianças em casa, assumindo essa responsabilidade. Sem que haja um modelo específico, os grupos organizam-se fazendo os encontros nas casas e intercalando as residências em forma de rodízio, alugando um espaço fixo e realizando os encontros nesse local específico ou reunindo-se em espaços públicos, como praças e parques. O comum em todas as opções é a contratação de uma pedagoga para elaborar a proposta pedagógica, acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças e orientar os responsáveis.

As queixas das famílias que optam por não matricular as crianças pequenas, em geral bebês e crianças de até 5 anos, nas creches e pré-escolas, são o preço das mensalidades, que estão cada vez mais caras nos centros urbanos; o grande número de crianças por turma; a distância entre a escola e a família, que mantém os responsáveis longe do processo educativo dos filhos; os espaços físicos pequenos e concretados; o brincar livre limitado; e o escasso contato com a natureza e o ar livre. Para Vasconcelos, a busca das famílias pela educação domiciliar:

Vem se consolidando apenas com ressonâncias a partir daquele padrão, de forma a tornar-se um processo diferenciado daquelas práticas e voltar-se para questões que são próprias da realidade brasileira, entre elas um profundo desconforto com a escola, seja ela pública ou privada (VASCONCELOS, 2021, p. 17.).

Diante dessas queixas, as famílias buscam um grupo de pessoas, que são amigos ou se conhecem e se tornam colegas de pracinha (enquanto levam as crianças para

brincar), e optam por experimentar um formato de educação mais orgânica, calma, com liberdade de tempo, passeios pela cidade, contato com a natureza e sob vigília permanente de alguma família do grupo, trazendo a participação ativa no processo de educação dos filhos pequenos, acompanhando de perto as experiências e decisões do grupo.

Na França, as creches parentais, também conhecidas como ‘creches selvagens’, são comuns, mas, diferentemente do Brasil, elas são autorizadas pelo governo. Segundo Chamusca, “As creches parentais obtiveram o reconhecimento do estado no início dos anos 80, e um acordo com a *La Caisse nationale des allocations familiales* (CNAF). As *crèches parentales* francesas hoje são reconhecidas e subsidiadas pelo Estado francês como estabelecimentos de gerenciamento parental”, pois desafogam o sistema público de educação e distribuem as crianças em escolas e creches parentais onde os responsáveis auxiliam na administração, como aponta Mansour (1993):

As ‘creches selvagens’ surgiram para suprir a falta de vagas em creches convencionais e foram criadas pelos próprios pais. Com a ajuda de uma ou duas pessoas, que ficam permanentemente com as crianças, os pais fazem uma gerência em autogestão. As famílias participam das atividades administrativas e arcam com os custos de acordo com o número de filhos atendidos e sua renda mensal... As principais vantagens dessa fórmula são: custo baixo (somente aluguel pode elevar o custo); a importância do pessoal efetivo (desde que seja qualificado); a maleabilidade da estrutura, evitando-se que a criança passe por uma mudança brusca (ela encontra um de seus pais e/ou amigos dos pais na creche); a cooperação entre pais e profissionais assegura a coerência no atendimento das crianças (MANSOUR, 1993, p. 41).

Embora na França a prática seja comum e legalizada, no Brasil acontece em caráter experimental, sem regras, sem garantia de que tenha sido inspirada pelas creches da França e sem nenhuma legislação vigente que autorize e normatize a educação domiciliar, o que torna o estudo sobre tais práticas numa busca de “agulha em palheiro”. Ter como inspiração as creches parentais francesas, autorizadas pelo Estado e geridas por responsáveis, abre uma porta à participação real dos cidadãos para garantir a universalização da educação, neste caso no segmento infantil, visto que a oferta de vagas em creches e escolas que atendem à primeira infância são escassas, o que implica a triste realidade brasileira em que as mães precisam voltar ao mercado de trabalho, mas não têm onde deixar seus bebês, pois não há creches ou vagas nas escolas.

Depois de tantos anos com a escolarização sendo comum, pensar na escola sendo realizada no ambiente domiciliar pode causar estranhamento, críticas e até mesmo

uma negação imediata. Entretanto, olhar com curiosidade para as iniciativas parentais, conhecer como são organizadas, como funcionam, por que os protagonistas dessas histórias as escolhem e o que se pode fazer para adaptar essa alternativa de forma que mais pessoas possam acessá-la é olhar para a diversidade e para a história sendo feita a partir do comportamento e das escolhas humanas, como constata Bloch (2001):

Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar (BLOCH, 2001, p.40).

Quando uma mesma escolha é recorrente, é preciso olhar para ela, pois o não olhar não significa que ela não existirá, pelo contrário, as iniciativas existem, ganham força e adeptos a cada dia. E com o agravante dos acontecimentos atuais, causados pela pandemia da COVID-19, que implicaram a suspensão das aulas presenciais ou, em alguns casos, o retorno presencial repleto de restrições, tais práticas serão cada vez mais buscadas e experimentadas por serem as opções viáveis ao momento. Por exemplo, juntar um grupo de crianças pequenas que são residentes no mesmo prédio e compartilham a área de lazer juntas, sob o olhar de uma pedagoga, é uma opção mais viável do que a criança não ir à escola. Famílias que têm parentes no grupo de risco e que moram na mesma residência vão optar pela criança não ir à escola. Nada substitui a experiência e a importância do espaço escolar, mas quando não se pode ir à escola, outras opções devem ser consideradas, e se essas opções forem normatizadas torna-se possível garantir a qualidade da experiência.

De alguma maneira a história do passado reencontra-se com a história do momento presente, e iniciativas que antes eram adotadas pelas elites do século XIX estão sendo atualizadas para o momento atual e aplicadas, gerando curiosidade, dúvida e um novo momento para a sociedade e para as escolas. Ao pensar nas preceptoras do século XIX, mestras e professoras estrangeiras que eram trazidas para dentro do lar para educar e acompanhar crianças e/ou adolescentes em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, alude-se ao movimento atual que, novamente, mas não originalmente, leva pedagogas, pedagogas e professoras para a casa a fim de estabelecer o modelo de educação domiciliar também conhecido como homeschooling. Entretanto, cabe ressaltar

que no Brasil de Oitocentos essa educação doméstica era legítima, como aponta Vasconcelos (2018):

(...) a educação oferecida e consentida pelos senhores para ser ministrada às suas filhas, no ambiente doméstico, era considerada equivalente à escolarização adquirida em instituições de ensino, já existentes, como escolas, colégios, liceus, recolhimentos etc. Assim, não se tratava de uma educação “informal”, mas de uma modalidade de educação reconhecida até mesmo na legislação e nos documentos oficiais que se referiam à obrigatoriedade do ensino, excetuando dessa obrigação os pais que mandavam educar filhos, filhas e crianças sob sua responsabilidade na casa (VASCONCELOS, 2018).

A ideia de mães e pais organizarem-se para fazer encontros com seus bebês e crianças muito pequenas, correspondentes à idade de creche - que se restringe de 6 meses a 3 anos e 11 meses -, com a orientação de uma professora/pedagoga é atraente em vários aspectos, seja pela rede de apoio que se forma entre os participantes, pela proximidade à educação dos filhos que estão pela primeira vez sendo inseridos num ambiente social que transcende os parentes próximos e amigos da família ou por um processo educacional diferente. A entrega efetiva a uma escola tradicional, com o distanciamento que se impõe aos responsáveis de bebês e crianças pequenas, assusta algumas pessoas, que, insatisfeitas, buscam outras opções.

Optar por educar os filhos em casa requer tempo, disponibilidade e também recursos financeiros. A prática exige um tempo das famílias e esse tempo está diretamente vinculado ao horário de trabalho dos responsáveis que optam pela experiência, à disponibilidade de construir coletivamente uma estrutura que funcione diariamente atendendo as crianças, e a recursos financeiros para montar essa estrutura que nasce do zero. É preciso adquirir materiais, contratar uma profissional e, dependendo das características da creche parental, professores para aulas extras, auxiliar de turma, além do aluguel de um espaço fixo.

Como dito anteriormente, a creche parental não possui uma diretriz, então diversos modelos são criados de acordo com as deliberações e características do grupo envolvido, mas, em geral, ter tempo para participar caracteriza a prática. E essa participação acontece nas reuniões de pais e mães, que no início são frequentes, a fim de estruturar o grupo, gerir o espaço, administrar o financeiro, alinhar junto com a pedagoga a proposta pedagógica e todas as demandas que uma creche possui, como materiais pedagógicos, alimentação, passeios, aulas extras, calendário do ano letivo e reuniões pedagógicas sobre a fase de desenvolvimento das crianças.

A iniciativa exige um comprometimento dos responsáveis, que é contínuo e importante para a construção da prática. Depois que o grupo está alinhado e os alicerces criados, a participação das famílias pode se dar de maneira indireta, sem a presença física diária no cotidiano da creche, nas funções de gestão e administração que podem ser divididas entre os membros do grupo. Ao final, a opção fica confortável e possível até para os que trabalham em ritmo acelerado. A dedicação de tempo é maior no início, enquanto se cria a creche parental, pois, como em todo novo projeto, o tempo de empenho corresponde ao sucesso da proposta.

Durante toda a experiência de integrar uma creche parental, os dois lados da questão foram visíveis, as vantagens e desvantagens de fazer parte de um movimento educacional fora da escola, que apresenta desafios e perspectivas. Contudo, a liberdade de poder pensar alternativas educacionais não exime a responsabilidade de estar presente com as crianças e cuidar da educação que elas devem ter por direito, além de levar inteiramente em consideração a importância da escola para a história de todos os sujeitos, visto que, segundo Cury (2006):

A escola era e continua a ser o lugar mais permanente de convivência fora de casa: lugar institucional de permanência contínua, sistemática, avaliada por, pelo menos, cinco dias por semana e por, pelo menos quatro horas por dia. Não há outra instituição com iguais características em nossa sociedade. E é essa superposição da instituição escolar por sobre a instituição familiar que trouxe impactos inusitados e relações inéditas (CURY, 2006, p. 8).

Fazer educação em espaços não escolares amplia o compromisso com a educação de qualidade, afinal o objetivo é pensar e fazer uma educação alternativa que fuja dos conceitos engessados e enraizados que a escola tradicional segue oferecendo e que fragmenta professores, alunos e famílias. Contudo, viver uma prática que existe e que acontece em diversos estados do Brasil, abre um caminho e um horizonte de pesquisa e questionamento.

A intenção desta dissertação é contribuir para a pesquisa do tema, analisando uma história real e contribuindo como apoio para as próximas creches parentais que virão.

1.1 Homeschooling no modelo de coletivo parental: revisão de literatura

Para a construção desta dissertação, além da análise do diário de campo a revisão de literatura foi imprescindível para o debate do tema. Recorri ao banco de teses e dissertações para buscar de que forma as questões levantadas nesta pesquisa articulam-se, aproximam-se ou distanciam-se de outras produções acadêmicas já realizadas e disponíveis. Optei por uma busca mais filtrada, criando um plano de pesquisa para me guiar, selecionando os resultados para que eu analisasse apenas aqueles que realmente se aproximavam do meu tema. Analisei os últimos dez anos do banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na área de conhecimento das Ciências Humanas, por estarem inseridas no campo da Educação e pelo fato de o tema interessar também a pesquisadores da área do Direito, no que tange à legislação do *homeschooling*. Utilizei as palavras-chave: creche parental, educação domiciliar, *homeschooling*, desescolarização, educação alternativa, criança e infância.

No Quadro 1, a seguir, consta a seleção final de teses e dissertações que emergiram dessa pesquisa online.

QUADRO 1 – Teses e dissertações do banco da Capes com as palavras-chave: creche parental, educação domiciliar, *homeschooling*, desescolarização, educação alternativa, criança e infância

Quadro 1- Teses e dissertações do banco da Capes com as palavras-chave: creche parental, educação domiciliar, <i>homeschooling</i>, desescolarização, educação alternativa, criança e infância				
Título	Autor	Orientador(a)	Titulação/ Entidade	Ano
1- HOMESCHOOLING: constitucionalidade e intervenção estatal na educação domiciliar	Giulia de Rossi Andrade	Emerson Gabardo	Mestrado/ PUCPR	2021
2- HOMESCHOOLING: UMA ALTERNATIVA PARA A EFETIVAÇÃO DO DIREITO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO	Debora Duarte Sacchetto	Regina Linden Ruaro	Mestrado/ PUCRS	2020
3- As representações sociais do <i>homeschooling</i> entre adeptos	Victor Hugo Fernandes Cardoso	Ricardo Vieiralves de Castro	Mestrado/ UERJ	2020

4- De Canela a Brasília: nas vozes de um processo, a educação domiciliar chegou à Suprema Corte brasileira	Fabiana Ferreira Pimentel Kloh	Maria Celi Chaves Vasconcelos	Doutorado / UERJ	2020
5- Mamãe é a melhor professora!: uma etnografia junto a três famílias que educam suas crianças fora da escola	Gabriela Braga Loreti	Clarice Cohn	Mestrado/ UFSC	2019
6- EDUCAÇÃO DOMICILIAR OU “LUGAR DE CRIANÇA É NA ESCOLA”? Uma análise sobre a proposta de homeschooling no Brasil	Aline Lyra dos Santos	Antonio Jorge Gonçalves Soares	Mestrado/ UFRJ	2019
7- EDUCAÇÃO “ALTERNATIVA”: do discurso à imagem.	Gabriele Nigra Salgado	Wladimir Antonio Garcia	Doutorado / UFSC	2018
8- Teias de aprendizagem: uma proposta de ensino com recursos educacionais abertos baseada na perspectiva de Ivan Illich	Ismael de Lima	Paulo Lima Júnior	Mestrado/ UFRS	2017
9- HOMESCHOOLING NO BRASIL: a legislação, os projetos de lei e as decisões judiciais.	Fabiana Ferreira Pimentel Kloh	Maria Celi Chaves Vasconcelos	Mestrado/ UCP	2014
10- A educação familiar desescolarizada como um direito da criança e do adolescente: relevância, limites e possibilidades na ampliação do direito à educação	Edison Prado de Andrade	Roberto da Silva	Doutorado / USP	2014
11- Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?	Luciane Muniz Ribeiro Barbosa	Romualdo Luiz Portela de Oliveira	Doutorado / USP	2013

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Cabe ressaltar que, após a pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, os bancos de outras instituições também foram analisados a fim de averiguar se alguma informação havia passado despercebida dentre os estudos encontrados na primeira pesquisa. São eles: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ, Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo, Repositório Institucional da Universidade de Minas Gerais, Coleção Digital da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Teses e Dissertações Eletrônicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Alguns desses bancos foram visitados também para a busca das teses que selecionei no banco da CAPES. Muitos trabalhos pesquisados e que não foram utilizados como base para esta pesquisa foram de suma importância para somar mais bibliografia acerca da temática abordada. Esses pesquisadores que se dedicaram a tratar temas que se assemelham ao proposto aqui, em artigos e outras publicações, ajudaram a pensar a estrutura da investigação.

Encontrei ainda apenas dois trabalhos que falavam de creche parental e coletivo educacional, os outros abordavam o *homeschooling*, a legislação acerca da educação domiciliar e as experiências de famílias com crianças a partir de 4 anos de idade, ou seja, somente dois trabalhos acadêmicos falavam de creche parental com crianças de 0 a 3 anos, como se pode ver no quadro abaixo:

QUADRO 2 – Pesquisa no banco de Teses e Dissertações da Capes sobre creche parental

Quadro 2- Pesquisa no banco de Teses e Dissertações da Capes sobre creche parental				
Título	Autor	Orientador	Titulação/ Entidade	Ano
1- Um estudo sobre os coletivos parentais do Rio de Janeiro	Caroline Montezi de Castro Chamusca	Teresa Nico Rego Gonçalves	Mestrado/ UFRJ	2019
2- Cuidados coletivos de crianças: uma família de famílias	Letícia Sepulveda Teixeira Leite	José Euzebio de Souza Oliveira Aragão	Mestrado/ UNESP	2018

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Começo, a partir daqui, a analisar cada trabalho selecionado e destacado no Quadro 1 - Teses e dissertações do banco da Capes e no Quadro 2 – Pesquisa no banco de Teses e Dissertações da Capes sobre creche parental, respectivamente, a fim de traçar sinteticamente as contribuições para aquilo que abordei nesta pesquisa.

A dissertação *HOMESCHOOLING: constitucionalidade e intervenção estatal na educação domiciliar*, de Giulia de Rossi Andrade, analisa, por intermédio da interpretação constitucional julgada como a sendo mais adequada, se o ensino regular domiciliar pode ser considerado, dentre as opções disponíveis, um meio constitucional para a realização do direito fundamental à educação. No primeiro capítulo a autora buscou através das possíveis bases de interpretação da Constituição Federal de 1988, demonstrar a opção do constituinte pela instituição de um Estado Social que não permite, notadamente na consecução de um direito fundamental social, uma atuação subsidiária. Em seu segundo momento, fez uma breve análise conceitual sobre o termo homeschooling, analisando como o método é utilizado e regulamentado em outros países, e, ainda, criticou a decisão proferida pelo Supremo Tribunal Federal no Recurso Extraordinário n. 888.815. Em seguida, no terceiro capítulo, foram consideradas a liberdade de escolha, o interesse público e o moralismo religioso, para que, ao fim, fosse analisada a busca por uma legislação nacional a respeito da educação domiciliar. Para atingir o objetivo, o trabalho utilizou o método bibliográfico e histórico.

A dissertação de Debora Duarte Sacchetto intitulada *HOMESCHOOLING: UMA ALTERNATIVA PARA A EFETIVAÇÃO DO DIREITO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO* tem o objetivo de analisar a compatibilidade do ensino domiciliar com as normas vigentes no ordenamento jurídico. Para isso enfrentou-se brevemente a evolução histórica do direito à educação nas constituições brasileiras, origem do direito à educação e o sentido da palavra educar. Com base na trajetória histórica, percebeu-se que o homem por natureza tem o instinto de ensinar seu filho para que este possa viver em comunidade, desde as comunidades primitivas as crianças e os jovens aprendiam com os adultos as técnicas do seu grupo para sobreviver. A família sempre esteve inserida no direito de educar, contudo, o Estado adquiriu o monopólio da Educação, ao editar algumas normas como a do art. 6 da LDBEN e do art. 55, do ECA, que determinam ser dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 anos de idade. De acordo com as referidas normas, toda criança e adolescente deverá ser submetido ao ensino formal, o que de certa forma afasta o direito à liberdade dos pais de escolher qual a melhor maneira de educar seus

filhos. Nesse contexto surge a importância da análise de uma das formas alternativas para efetivação do direito à educação, qual seja o ensino domiciliar. O tema foi amplamente debatido em razão do julgamento do Recurso Extraordinário 888.815, que teve por objeto o ensino domiciliar. Neste julgado o STF reconheceu que a prática do ensino domiciliar não seria inconstitucional, mas que em razão ausência de lei prévia, o seu exercício estaria prejudicado. Questões como a titularidade do direito à educação, limites da liberdade dos pais na escolha da forma pela qual irão promover a educação de seus filhos, alcance das leis infraconstitucionais e tratados internacionais que abordam o tema, foram expostas e debatidas, perpassando por uma breve análise de como o assunto é tratado no plano internacional, especialmente nos EUA.

As representações sociais do homeschooling entre adeptos, dissertação de Victor Hugo Fernandes, tem como objetivo identificar e analisar as representações sociais do homeschooling entre adeptos. Esta investigação se apresenta como uma pesquisa documental e para a sua realização foram selecionados 300 arquivos de mídias eletrônicas e/ou digitais, em cinco páginas públicas que tinham como tema o homeschooling/Educação domiciliar, na rede social chamada Facebook. Estes arquivos foram organizados e divididos em temas e depois foram reagrupados em categorias, por meio da análise de conteúdo – mais especificamente a análise de conteúdo categorial-temática proposta por Bardin. Os resultados obtidos apontam concepções e discursos sobre o homeschooling como um modelo educacional legítimo, que tem como base a individualização do processo educacional e que geraria alunos mais capacitados, inteligentes e sociáveis em comparação aos alunos escolarizados. Por sua vez, foram encontradas concepções da escola enquanto uma instituição ineficiente, que não conseguiria prover uma educação de qualidade, e cujos conhecimentos possuem pouca utilidade no dia a dia. A instituição escolar ainda é percebida como ambiente de contato com drogas e sexo, além de ser responsável por adoecer e causar sofrimentos aos seus alunos, sendo concebida como lugar de práticas diárias de violência. Assim, verificou-se que as concepções sobre a escola possuem influência direta sobre as motivações dos adeptos ao homeschooling. Conclui-se, dessa forma, que o homeschooling e a escola se encontram em uma relação de antítese.

A tese *De Canela a Brasília: nas vozes de um processo, a educação domiciliar chegou à Suprema Corte brasileira*, de Fabiana Ferreira Pimentel Kloh, tem por objeto de estudo a Educação Domiciliar tal qual se apresenta nos autos do recurso extraordinário RE 888.815, do Supremo Tribunal Federal, processo paradigma no Brasil

do debate judicial entre a obrigatoriedade de matrícula e frequência escolar e o direito à liberdade de escolha, pela família, da modalidade de educação adequada aos filhos. O problema consiste em compreender como os diferentes segmentos envolvidos (vozes) no processo RE 888.815, do Supremo Tribunal Federal, veem as possibilidades e as dificuldades do ensino domiciliar vir a ser legalizado no Brasil. A tese é de que, em que pese ainda existirem certas lacunas de ordem prática a serem sistematizadas, bem como a persistente existência de uma disputa para o controle educacional, a viabilidade do ensino em casa não fere os princípios democráticos e republicanos sendo que, ao contrário, embasada no princípio da liberdade, pode expandir ou ressignificar o conceito de cidadania. Os conceitos que sustentam a tese são o de ideais republicanos e cidadania, extraídos de José Murilo de Carvalho, o de liberdade, ancorado em Stuart Mill e o de democracia, baseado em José Afonso da Silva. As fontes interrogadas consistiram nos autos completos do processo RE 888.815 impetrado por Valentina em face da secretaria de educação de Canela/RS, nas produções bibliográficas referentes à temática e em entrevistas com a família de Valentina. Realizou-se um estudo de caso com análise descritiva das vozes dos segmentos sociais atuantes no processo judicial correlacionando-as às categorias indicadas para sustentação da tese. Confirmadas as hipóteses, o estudo concluiu pela viabilidade da prática da Educação Domiciliar sem ofensas ao projeto republicano, aos princípios democráticos, à liberdade e à cidadania, desde que atente para a exigência constante da decisão do Supremo Tribunal Federal no julgamento do RE 888.815 que consiste na regulamentação legal dessa que é uma das alternativas para o cumprimento do dever/direito constitucional de educação.

A dissertação *Mamãe é a melhor professora!: uma etnografia junto a três famílias que educam suas crianças fora da escola*, de Gabriela Braga Loreti, é uma pesquisa etnográfica realizada junto a três famílias que educam suas crianças fora da escola. Utiliza-se no texto a expressão educação fora da escola como forma ampla de se referir às situações em que os adultos, pais ou responsáveis, escolhem assumir diretamente a responsabilidade pela educação das crianças em idade escolar, sem enviá-las ao sistema educacional público ou privado. Dentre estas práticas estão aquelas conhecidas no Brasil como educação domiciliar ou não escolarização ou ainda homeschooling e unschooling. À época do desenvolvimento desta pesquisa, ganhava evidência seu estatuto jurídico controverso, não sendo prática regulamentada, e, ao mesmo tempo, o aumento do número de famílias praticantes ou interessadas. Assim, tendo como fio condutor a escolha pela não frequência das crianças à escola, este

trabalho se volta para as experiências junto a três famílias para, por meio de aproximações e afastamentos entre elas, refletir acerca das ideias de família, educação, cuidado e criança aí implicadas. Procura-se explicitar tais experiências a partir dos deslocamentos propostos pelas mulheres, mães e educadoras, que explicavam sobre do que se trata, para elas, educar as crianças fora da escola, ao mesmo tempo em que organizavam e conduziam as refeições, os tempos das brincadeiras, as pesquisas e atividades, e outros movimentos cotidianos dentro e fora de suas casas.

A dissertação *Educação domiciliar ou “lugar de criança é na escola”? Uma análise sobre a proposta de homeschooling no Brasil*, de Aline Lyra dos Santos, visa provocar uma reflexão acerca da naturalização da escola e da sua compreensão enquanto instituição prioritária para formar crianças e jovens. O estudo analisa a questão do *homeschooling* (educação domiciliar) no Brasil, que enfrenta a tônica da obrigatoriedade escolar e se encontra numa linha tênue, dada a sua atual imprevisibilidade legal, tendo como base principal uma coleção selecionada de produções acadêmicas brasileiras sobre o tema.

A pesquisa *Educação “Alternativa”: do discurso à imagem*, de Gabriele Nigra Salgado, fundamentada na perspectiva teórica da Filosofia da Diferença, propõe questionamentos aos discursos naturalizados acerca das experiências de educação "alternativa", a fim de ampliar os modos de ver e de narrar tais práticas. Configura-se como o que a autora chama de documentese – junção das palavras documentário e tese - composta pelo texto escrito em torno da ideia de alternativo e pela produção do documentário *Conficções*, objeto estético que tenta encenar o drama (ações) da tese, apontando para a proposição de uma experiência ao espectador. A investigação envolveu entrevistas e a produção de fotografias e vídeos, realizados em diferentes espaços educativos de Florianópolis-SC: duas escolas "alternativas", um curso de formação em pedagogia Waldorf e duas experiências de educação não institucionalizadas, envolvendo uma família adepta da desescolarização (*unschooling*) e uma cooperativa educacional.

Ismael de Lima descreve em sua dissertação *Teias de aprendizagem: uma proposta de ensino com recursos educacionais abertos baseada na perspectiva de Ivan Illich* uma intervenção desescolarizada efetivada dentro da escola. Desescolarizada no sentido de que há na intervenção um desprendimento das coisas tipicamente escolares como currículo, regras temporais e recompensas. Para Ivan Illich, autor do qual as ideias apresentadas no livro *Desescolarização da Sociedade* (1973) serviram como principal

referencial teórico para este trabalho, os já exaustivamente discutidos problemas escolares são, na verdade, características intrínsecas dessa instituição. Ademais a escola seria um ritual de entrada para o mundo do consumo e um mecanismo que colabora com a reprodução das diferenças sociais. Uma alternativa à instituição escolar para o papel de mediador no processo de aprendizagem, seria a de fomentar o nascimento das “Teias de Aprendizagem” – redes autônomas de trocas de habilidades. A atmosfera propícia para o surgimento da teia se constituiu no Colégio La Salle Carmo em Caxias do Sul, em dois semestres de 2014 e 2015. A plataforma escolhida para o nascimento dessa rede foi ancorada nos Recursos Educacionais Abertos (REA). Tais recursos favorecem o ciclo pesquisacriação- documentação-compartilhamento que é fundamental para desenvolver a autonomia dos alunos e para a abertura do conhecimento. Apresentou-se aos alunos de ensino médio daquela escola a possibilidade de participarem de encontros semanais para que eles desenvolvessem seus projetos voltados, a princípio, para a mostra científica da escola. Nos encontros, os participantes tiveram disponíveis modelos de habilidades e ferramentas para, de maneira autônoma, guiarem seu aprendizado de acordo com a temática escolhida para seus projetos. Dividida em três momentos – (1) propiciar a formação da teia, (2) tornar os recursos disponíveis, (3) desenvolvimento de projetos, (4) documentação e compartilhamento – a intervenção desescolarizada mostrou-se uma sugestão eficaz para um projeto extra curricular.

No caminho da legislação acerca da educação domiciliar, a dissertação de Fabiana Ferreira Pimentel Kloh, intitulada *Homeschooling no Brasil: a legislação, os projetos de lei e as decisões judiciais*, apresentou um maior aprofundamento, sobre o tratamento e a discussão do *homeschooling* nos poderes Legislativo e Judiciário, com especial exposição e análise dos projetos de lei e das decisões judiciais sobre o tema da educação domiciliar no país. Com base na trajetória histórica do direito à educação, bem como em sua compulsoriedade, a pesquisa buscou triangular um confronto entre a legislação vigente e revogada sobre direito à educação e à educação domiciliar, além do levantamento do pensamento da sociedade, exposto nas audiências públicas promovidas pela Câmara dos Deputados e nas decisões judiciais sobre *homeschooling* no Brasil de 2001 a 2013. Sendo assim, essa pesquisa apresentou um panorama histórico da legislação, dos projetos de lei e das decisões judiciais, a fim de visualizar a trajetória da discussão da educação domiciliar no Brasil e compreender os caminhos que podem ser tomados em direção à solução desse “clamor” de famílias que anseiam a possibilidade da prática do *homeschooling* no país.

Na tese *A educação familiar desescolarizada como um direito da criança e do adolescente: relevância, limites e possibilidades na ampliação do direito à educação*, o autor, Edison Prado de Andrade, tem como finalidade compreender a natureza, os fundamentos e as condições históricas segundo as quais, no Brasil e no mundo, vem se desenvolvendo um movimento social integrado por pais e diversos outros agentes públicos e privados que procuram garantir e realizar a educação de crianças e adolescentes de modo desescolarizado. Tal movimento prima por métodos e técnicas que não se identificam com a maneira escolarizada de educar, mas sim com um modo integrado de educação afinado com as possibilidades atuais do processo de ensino-aprendizagem e com o atendimento das necessidades globais das crianças e adolescentes. Dessa forma, visa ao pleno desenvolvimento de suas personalidades e potencialidades segundo um sentido de formação da pessoa humana dentro de parâmetros valorizados por crenças do tipo não materialista. A pesquisa também oferece diretrizes gerais tanto no sentido da legalização e regulamentação da educação familiar desescolarizada no Brasil quanto no sentido de uma abordagem educacional integrada que leve em conta as dimensões física, intelectual, moral social e espiritual da pessoa ainda em desenvolvimento, de modo coerente com os motivos que fundamentam a opção dos pais pelo modelo desescolarizado de educar.

A pesquisa de doutorado de Luciane Muniz Ribeiro Barbosa, *Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?*, tem como objetivo analisar os princípios e fundamentos do ensino em casa, bem como sua possível normatização no Brasil. Essa análise é feita diante do crescente número de famílias brasileiras que optam por ensinar seus filhos em casa ao invés de enviá-los para as escolas, apesar da interpretação vigente de que a legislação federal não admite tal prática de ensino, apresentando como compulsória a matrícula em instituição escolar. Tal fenômeno tem suscitado a ação do Poder Judiciário, a apresentação de projetos de lei pela sua regulamentação e o interesse da sociedade sobre uma forma alternativa de ensinar os filhos, além do debate e de reflexões sobre o tema. Essas e outras questões são objetos de análise dessa tese, que, com base em pesquisa bibliográfica e entrevistas com famílias que ensinam os filhos em casa, traça um panorama do ensino domiciliar, questionando-o como um possível caminho em busca de uma educação que englobe o alcance de resultados acadêmicos e o cumprimento de objetivos constitucionais para a educação como o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania.

A pesquisa *Um estudo sobre os coletivos parentais do Rio de Janeiro*, de Caroline Montezi de Castro Chamusca, ampliou os horizontes do meu trabalho por apresentar um mapeamento de coletivos educacionais existentes no Rio de Janeiro, estudando-os e constatando que eles são espaços de educação mobilizados por famílias que atendem majoritariamente à primeira infância. Indica ainda que tais coletivos são iniciativas alternativas às instituições regulares de ensino, tornando-se espaços informais de educação não regularizados, portanto não exigem formação específica para os educadores que neles atuam. O estudo busca ainda compreender quais sentidos de alternativo emergem nas práticas dos coletivos parentais cariocas. A pesquisa é baseada nos coletivos que a pesquisadora atuou no Rio de Janeiro, Coletivo Casa Escola e Coletivo A Si Fon Fon.

O estudo de Letícia Sepulveda Teixeira Leite, *Cuidados coletivos de crianças: uma família de famílias*, contribuiu significativamente para a elaboração da minha dissertação, devido à semelhança de experiências, na medida em que também apresenta traços autobiográficos, tendo em vista que a pesquisadora participou de um coletivo de mães. Nessa pesquisa, a autora aborda experiências de coletivos de cuidados infantis, também conhecidos como creches parentais, compreendendo os fatores que promovem sua existência; observando suas formas de organização nos âmbitos estrutural, prático, físico e pedagógico; percebendo suas potencialidades a partir de uma investigação qualitativa realizada com fontes documentais e bibliográficas obtidas em bases de dados, revistas científicas e reportagens midiáticas; e de uma investigação etnográfica realizada a partir de blogs e páginas *online* criados pelos participantes dos coletivos estudados. Os resultados obtidos no estudo apontam para as potencialidades que os coletivos trazem no sentido de repensar a educação infantil, a infância e a maternidade, além de reunir valiosas referências e dados, guardando caráter inédito, dada a escassez de investigações científicas sobre a temática.

Após a revisão de literatura no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, foi preciso fazer um levantamento de livros e artigos científicos para uma revisão bibliográfica a fim de encontrar autores que abordassem e dialogassem com o tema. O Quadro 3 foi pensado para organizar os livros e dar melhor visibilidade à forma pensada para a estruturação desta pesquisa.

QUADRO 3 – Livros utilizados como Referencial Bibliográfico

Quadro 3- Livros utilizados como Referencial Bibliográfico			
Título	Autor	Ano	Editora
1- Sociedade sem escolas	Ivan Illich	1973	Vozes
2- El valor de educar	Fernando Savater	1997	Ariel
3- Investimento das Famílias na Escola. Dinâmicas familiares e Contexto local	Ana Matias Diogo	2008	Celta
4- Educar en casa, día a día	Asociación para la libre educación (ALE)	2009	OB STARE
5- Em defesa da escola: uma questão pública	Jan Masschelein e Maarten Simons	2014	Autêntica
6- Elogio da escola	Jorge Larrosa	2017	Autêntica
7- A mente bem treinada: Um guia para a educação clássica em casa	Jessie Wise Susan Wise	2019	Klásika Liber
8- A opção pelo homeschooling	Fausto Zamboni	2020	KÍRION
9- BLUEPRINT HOMESCHOOLING: como planejar um ano de educação domiciliar adaptado à realidade de sua vida	Amy Knepper	2021	Park Day Publishing
10- A Educação Domiciliar Brasileira (Homeschooling) Pede Passagem	Vania Maria de Carvalho e Silva	2021	CRV
11- Educação domiciliar no Brasil: mo(vi)mento em debate.	Maria Celi Chaves Vasconcelos (Org)	2021	CRV

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

O Quadro 3 contém os principais livros analisados e que ajudarão a pensar os próximos capítulos. Portanto, as informações aqui organizadas servem como forma de explicitar a bibliografia selecionada para a dissertação, apresentando pontos que serão utilizados como diálogos e tecendo apenas breves comentários, de forma a não antecipar elementos que estarão presentes dentro do próprio texto.

A obra *Sociedade sem escolas*, escrita por Ivan Illich em 1973, parece atemporal quando pensamos no paralelo com a educação domiciliar no Brasil e o movimento de desescolarização recorrente no tempo presente. Em seu emblemático livro, Illich alerta-nos para o perigo da institucionalização de valores, da transformação dos valores em produtos e da contraprodução de tal fato. O autor argumenta que os papéis da escola, nesse sistema, são a distribuição de funções sociais através de títulos e diplomas; inculcar nos seus alunos que tudo, inclusive a educação, é resultado de um processo de

produção institucionalizado e que a vida feliz é alcançada através do consumo dos produtos dessas instituições, que, por sua vez, só são comprados por quem tem condições, quem passa pela escola. Mostra também que, para pôr fim a esse sistema, é necessária a desescolarização da sociedade e o estabelecimento de uma teia educacional que seria o inverso da escola; um processo de educação em que, ao invés de produto, ela seja fruto de construção mútua e voluntária dos indivíduos.

A obra *El valor de educar* escrita em 1997 por Fernando Savater expõe de forma filosófica, sociológica e pedagógica sua preocupação com a crise da educação espanhola, e suas considerações parecem atemporais, servindo para os dias atuais. O livro começa com “*Carta a la maestra*”, abordando as complexidades e dificuldades de educar atualmente, infere a filosofia para sustentar a necessidade de sermos inquietos e de buscar reflexão para o ofício de ser professor. Aponta sobre as dificuldades da carreira docente, como baixos salários, pouco prestígio social, e que na grande maioria a educação só é lembrada como parte de programas políticos. Salaria que seu livro é visto como otimista e que para ser professor temos de ser otimistas e acreditar na perfectividade do ser humano. Situa o professor da educação básica que não é valorizado, não tem valor ou importância social, não é reconhecido enquanto sujeito transformador. Coloca que a educação passa por uma crise, de valores, de finalidades, de ações e que não está sabendo como atender as diversas necessidades sociais, mas que se tornou apenas instrumento mercantil de formar para demandas mercadológicas. Faz muitos questionamentos e aponta a importância e o valor de educar. Comenta sobre o educar filosófico, legal, pedagógico, obrigatório e necessário. O autor é otimista e afirma que educar é possível, mas para isso a família, o indivíduo, a sociedade e o estado devem cumprir com as suas respectivas frações de responsabilidade. Destaca que a crise da educação é uma preocupação, e apresenta o valor de educar com duas possibilidades, valor enquanto coragem, ousadia, irreverência, mas também no valor como importância e essência.

Na produção literária intitulada *Investimento das famílias na escola. Dinâmicas familiares e contexto escolar local* a autora Ana Matias Diogo apresenta os resultados de uma investigação sobre os modos como são produzidas aquelas desigualdades macroestruturais ao nível dos processos intrafamiliares. O investimento das famílias é analisado, em primeiro lugar, a partir da articulação de abordagens clássicas da sociologia da educação com contributos que permitem equacionar a família enquanto espaço de desenvolvimento de dinâmicas que não se esgotam no *ethos* de classe. As

dinâmicas das famílias são estudadas tendo em conta o modo de funcionamento familiar, a relação com a cultura letrada, as práticas educativas e o envolvimento na escolaridade, bem como o seu papel na orientação à saída do ensino obrigatório.

Educar en casa, día a día é um livro que reúne um resumo de experiências, tanto de famílias da Espanha, como do resto da Europa. As experiências narradas, tanto por famílias espanholas associadas à ALE (Asociación Para La Libre Educación), como do resto da Europa, são textos escritos ao longo dos anos de 2006, 2007 e 2008. Dentro das experiências espanholas, também estão incluídas as vozes e a criatividade de algumas crianças educadas em casa. O livro é dividido em quatro partes: a primeira com testemunhos de mães e pais que educam em casa atualmente na Espanha; a segunda parte com contos e testemunhos de crianças que estão sendo educadas em casa na Espanha; a terceira parte com artigos traduzidos do livro “Educación en el hogar: una perspectiva europea”, e uma última e quarta parte com estudos realizados sobre homeschooling, de especial interesse para entender a complexidade deste fenômeno. É um livro amplo e eclético, como eclético é este movimento, cuja principal característica é a diversidade de tipos de família, metodologias, pedagogias e motivações.

No livro *Em defesa da escola: uma questão pública* os autores Jan Masschelein e Maarten Simons defendem firmemente que se recusam a endossar a condenação da escola. Os autores acreditam que é exatamente hoje, em uma época em que muitos condenam a escola como desajeitada à realidade moderna e outros até mesmo parecem querer abandoná-la completamente, que o que a escola é e o que ela faz se torna evidente. No decorrer do livro os autores deixam claro que muitas alegações contra a escola são motivadas por um antigo medo e até mesmo ódio contra uma de suas características radicais, porém essencial: a de que a escola oferece “tempo livre” e transforma o conhecimento e as habilidades em “bens comuns” e, portanto, tem o potencial para dar a todos, independentemente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido, para se superar e renovar de forma imprevisível, o mundo.

No livro *Elogio da escola* o autor Jorge Larrosa apresenta diversos exercícios de pensamento que tentam trazer ao mundo aspectos da escola, do estar na escola, do ordinário da escola, de uma memória escolar em suas atualizações, na transparência do cotidiano escolar, de tudo o que ainda faz com que a escola exista como um local para um espaço público e um tempo livre, tendo como base a obra “*Em defesa da escola*”:

uma questão pública”, dos filósofos da educação Jan Masschelein e Maarten Simons (2014).

A obra *A mente bem treinada, Um guia para a educação clássica em casa* de Jessie e Susan Wise reúne tudo que o leitor precisa para ensinar o seu filho em casa. No livro os autores apresentam suas conclusões após quarenta anos em experiência em educação, afirmando que se você deseja que seu filho tenha uma educação excelente, precisa assumir o comando pessoalmente, orientando que os responsáveis não têm de reformar o sistema escolar inteiro, nem devam se preocupar com o falatório sobre a complexidade da formação de um professor que são necessárias, pois o professor precisa encarar uma turma com trinta crianças diversas ou vinte adolescentes em transformação. Evidenciam que para ensinar seu próprio filho com dedicação, é necessário algum conhecimento básico sobre como as crianças aprendem, uma boa orientação nas habilidades específicas de cada matéria e uma grande quantidade de livros. Tudo isso é oferecido na obra, em formato de manual completo da educação clássica, que ajudará os responsáveis a ensinar seus filhos a lerem, escreverem, calcularem, pensarem e entenderem.

No livro *A opção pelo homeschooling* lançado em 2020, o autor Fausto Zamboni, considera as circunstâncias da realidade escolar, atual e concreta, do Brasil, para entender até que ponto a escola se apresenta como um meio adequado para propiciar a realização humana. Em seguida aborda a educação domiciliar: o surgimento do movimento moderno pelo “homeschooling”, sua posição no quadro da educação atual, e alguns mitos sobre desempenho acadêmico e socialização. Por fim, apresenta alguns elementos importantes que devem ser considerados por quem queira adotar a educação domiciliar, seja quanto à dinâmica familiar, seja em relação ao projeto educativo a ser adotado. O livro oferece apenas os aspectos essenciais do problema, como uma introdução que possa ajudar a entender a importância crucial da educação domiciliar em nossa época.

No livro *BLUEPRINT HOMESCHOOLING: como planejar um ano de educação domiciliar adaptado à realidade de sua vida* a autora Amy Knepper reúne dicas e experiências daqueles que se encontram realizando educação domiciliar. É um livro guia para pais e educadores de todas as filosofias e estilos que estão procurando a melhor forma de gerenciar seu tempo, energia e sanidade durante um ano de estudos em

casa. Amy explora algumas filosofias e métodos de ensino disponíveis além de ensinar a definir metas adaptadas à realidade da vida de quem busca a leitura.

O livro *A Educação Domiciliar Brasileira (Homeschooling) Pede Passagem* da autora Vania Maria de Carvalho e Silva, adentra uma das questões que deflagram debates acalorados no campo educacional no Brasil e em boa parte do mundo: as práticas de homeschooling. Trata-se de uma investigação consistente, realizada por uma pesquisadora que articula de forma inventiva os seus interesses teóricos e políticos relacionados ao tema. Não é uma tarefa simples porque a autora encontra-se em meio às disputas acadêmicas e sociais em prol da regulamentação do homeschooling no Brasil e, ao mesmo tempo, produz o distanciamento necessário para lançar lentes teóricas e empíricas sobre as minúcias desses embates sociais.

Por fim e importante para a elaboração desta dissertação, destaco o livro *Educação domiciliar no Brasil: mo(vi)mento em debate* como uma obra contemporânea e atualizada, visto que foi lançado neste ano de 2021. Organizado por Maria Celi Chaves Vasconcelos, é uma coletânea relevante para a minha pesquisa, com um conjunto de quatorze textos sobre a temática da educação domiciliar sob diversas perspectivas, conferindo ao livro um caráter universalista e pluralista. Na organização em duas partes, sendo a primeira com sete textos que abordam as tensões legais, conceituais, políticas e profissionais; e a segunda parte com outros sete textos com as tensões contextuais, institucionais, filosóficas e confessionais, a obra não apresenta respostas prontas e únicas sobre a temática da educação domiciliar, e sim um convite ao leitor a pensar sobre o tema tirando as suas próprias conclusões.

Por último, destaco os artigos científicos que foram relevantes para desenvolver a temática. O Quadro 4 organiza essas publicações.

QUADRO 4- Artigos Científicos sobre a temática do homeschooling

Quadro 4- Artigos científicos sobre a temática do homeschooling		
Título	Autor	Ano
Imaginando uma educação para a cidadania global pós-Covid-19	Marta Estelles e Gustavo E. Fishman	2020
Homeschooling: o reverso da escolarização e da profissionalização docente no Brasil	Ana Claudia Ferreira Rosa e Arlete Maria Monte de Camargo	2020

A educação domiciliar como alternativa a ser interrogada: problema e propostas	Maria Celi Chaves Vasconcelos e Carlota Boto	2020
Homeschooling e controvérsias: da identidade à pluralidade - o drama da socialização	Adalberto Carvalho Ribeiro	2020

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Imaginando uma educação para a cidadania global pós-Covid-19, de Marta Estelles e Gustavo E. Fishman, é um artigo publicado na Revista Práxis Educativa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) que traz luz à crise sem precedentes que a pandemia da covid-19 trouxe para a educação. No artigo, as propostas para expandir o modelo de Educação para a Cidadania Global (ECG) são reavaliadas, já que receberam crescente atenção e apoio de organizações internacionais, governos e estudiosos. Os autores argumentam que a natureza predominantemente redentora dos modelos e das propostas de ECG, desde meados dos anos de 1990, não pode lidar com problemas globais associados à pandemia atual, como a restrição dos direitos de privacidade do cidadão ou o fortalecimento de mensagens nacionalistas excludentes. Em vez disso, são necessários modelos mais realistas de ECG, concluindo com novas perguntas para fortalecer o debate e as alternativas para imaginar uma ECG não redentora e mais realista.

O artigo *Homeschooling: o reverso da escolarização e da profissionalização docente no Brasil*, das autoras Ana Claudia Ferreira Rosa e Arlete Maria Monte de Camargo, publicado na Revista Práxis Educativa, objetiva evidenciar implicações do *homeschooling* para a escolarização, a profissionalização docente e para a educação como direito. Os resultados indicam que a defesa do *homeschooling* se ampara em casos particulares e exógenos sem evidências científicas e desconsidera os riscos da segregação do estudante do ambiente social de aprendizagem.

A educação domiciliar como alternativa a ser interrogada: problema e propostas, de Maria Celi Chaves Vasconcelos e Carlota Boto, publicado na Revista Práxis Educativa, faz uma análise, sob a perspectiva histórica, dos processos que, na modernidade, levaram à escolarização obrigatória. Demonstra aspectos da discussão, pautada na atualidade, que pretende a ruptura com essa obrigatoriedade ou, mais especificamente, a possibilidade de regulamentar a educação domiciliar. Conclui-se que a autorização do ensino domiciliar, caso seja feita pelos órgãos competentes, precisa ser

critérios acompanhada de mecanismos de averiguação sobre o que se passa na família e sobre como essas crianças irão aprender e ser socializadas.

O artigo *Homeschooling e controvérsias: da identidade à pluralidade*, de Adalberto Carvalho Ribeiro, publicado na Revista *Práxis Educativa*, analisa a problemática da educação domiciliar, destacando os principais pontos presentes na literatura. Todavia, traz à luz, originalmente, o binômio identidade-pluralidade, apontando que triagens e classificações ocorrerão em defesa da “boa socialização” advogada por *homeschoolers* e que, se o Estado não fiscalizar, possibilidade completamente plausível, os riscos de formação de bolhas sociais familiares serão iminentes.

1.2 A casa se abre e a educação acontece

No início da creche parental, fundamentos teóricos e práticos foram necessários para estabelecer uma diretriz própria do grupo, com o objetivo de organizar, estruturar e montar o que seria a escola das crianças dentro do ambiente doméstico. A casa, quando recebia a escola, era naturalmente descaracterizada, tendo seu espaço físico modificado e adaptado para as propostas pedagógicas. Destaco que as reuniões de pais e mães foram essenciais para alinhar os fundamentos, dentre eles como as famílias receberiam as outras famílias para os encontros, os dias em que cada casa estaria disponível para o rodízio, quem seriam os responsáveis-auxiliares presentes para ajudar no trabalho pedagógico da pedagoga, o planejamento de horário designando o tempo para a chegada das crianças, a roda, a proposta do dia, o momento do lanche e da troca de fraldas e o encerramento do encontro. Tudo devidamente organizado, anotado e conversado para que durante as atividades as demandas fossem atendidas. A organização é imprescindível para que a casa seja transformada num ambiente viável para o fazer educativo, e as famílias adeptas à ideia respondam com escuta e respeito ao que é estabelecido para que de fato ocorra o processo educativo.

As casas tiveram seu ambiente adaptado para receber os encontros. Primeiro foram definidos os cômodos que seriam utilizados: sala, varanda, quintal (quando possuía), quarto da criança, sala de reunião, sala de estar, área de lazer do prédio; em seguida, o que precisaria ser adaptado nesses espaços para receber o grupo: tirar objetos quebráveis, tampar e esconder tomadas, mexer na disposição dos móveis a fim de ampliar o espaço, adaptar o banheiro com banco para a criança alcançar, dispor espaço

na pia da cozinha para uso do grupo etc. Cada encontro foi realizado em uma casa diferente, e antes de cada um foi estabelecido o planejamento do espaço e do dia. Quando eles foram realizados nas áreas de lazer do prédio ou na praça pública do bairro, o local foi visitado anteriormente pela pedagoga, que criou um planejamento para aquele espaço. A dinâmica de rodízio de casas é vantajosa por ser um espaço diferente a cada encontro, por cada espaço apresentar novas experiências e propostas, e é desafiador porque o imprevisível pode ocorrer e as crianças usam também o tempo de concentração para descobrirem a dinâmica da casa. No entanto, embora haja combinados, as adversidades acontecem.

No capítulo dois irei abordar com mais detalhes, o quanto os encontros em casa podem ser limitantes e a necessidade de um espaço físico maior à medida que as crianças vão crescendo. Para receber um grupo de crianças e estabelecer propostas pedagógicas, a casa descaracteriza-se de ‘casa’ e ainda assim possui o ambiente doméstico. Essa é uma dicotomia intrigante, como se pode observar nas Figuras 4, 5 e 6 a seguir.

Na Figura 4 os bebês estão vivendo uma proposta pedagógica na sala da casa de uma família, a mesa foi afastada deixando o tapete livre para as crianças se deslocarem, no lugar das mantas do sofá foram colocadas bolinhas, e com o apoio das almofadas a brincadeira de esconder e aparecer foi proposta. Aos bebês que não andavam ainda, apoiar-se no sofá era um convite para levantarem-se.

Figura 4 – Bebês vivendo uma proposta pedagógica na sala da casa



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Na Figura 5 os bebês estão vivendo uma proposta sensório-motora com terra e água, na varanda da casa de uma família, onde a mesa foi retirada e os bancos de madeira viraram a mesinha de apoio dos bebês, de acordo com suas alturas. A terra foi retirada dos vasos de planta que estão atrás do banco de madeira. Todo o processo foi acompanhado e adaptado pela pedagoga.

Figura 5– Bebês brincando com terra na varanda da casa.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Na Figura 6, pedagoga e educanda estão lendo um livro na varanda da casa de uma das famílias, as poltronas foram afastadas abrindo espaço para os livros e os brinquedos. O chão é o local mais seguro para bebês e os sofás viram encosto e “mesas” para apoiar os objetos.

Figura 6 – Educanda e pedagoga lendo na varanda da casa.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Para o processo educativo acontecer é muito importante que exista uma pedagoga na prática de creche parental, para criar um plano de desenvolvimento das crianças, com proposta pedagógica fundamentada e prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), criando um planejamento e atendimento de qualidade que as crianças devem ter por direito, garantidos na Constituição Federal:

É dever da família, da sociedade e do Estado, assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária [...] (BRASIL, 1998, p. 148).

A creche parental *Quintal* começou com seis bebês, sendo dois de 6 meses, um de 8 meses, dois de 9 meses e um de 10 meses de idade. O plano pedagógico criado pela

pedagoga abrangia o desenvolvimento integral dessas crianças, com atividades de psicomotricidade, artes plásticas, leitura, educação emocional, brincar livre, contato com a natureza, autonomia a partir do próprio corpo e experiências sensório-motoras correspondentes à fase de desenvolvimento de cada uma delas. Os princípios básicos da proposta pedagógica da pedagoga da creche era o silêncio, pois quando o adulto cala o bebê fala; o cuidado com o corpo no espaço; o enquadre de segurança para as crianças poderem agir com liberdade; abaixar na altura das crianças para comunicar-se, olhar nos olhos, usar a voz, escutar com os olhos, os ouvidos e o coração; liberdade de tempo para explorar os objetos e viver as propostas; apresentar oralmente os espaços e as pessoas nominando-as como “papai da N.”, “mamãe da M.”, “vovó da C.”, trazendo segurança às crianças e garantindo o lugar delas no mundo como sujeitos de direitos.

Os encontros aconteciam três vezes por semana, num período de duas horas cada, na casa das famílias, num esquema de rodízio, e toda sexta-feira numa pracinha no bairro de residência das crianças. Quando chovia, o encontro na pracinha era transferido para uma das residências. O rodízio propiciava que todas as crianças fossem contempladas com a ‘escola’ acontecendo nas suas casas. A pedagoga levava o material pedagógico que iria utilizar naquele dia, como, por exemplo: livros, bolinhas, tecidos, tinta, pincel, fitas, e as casas disponibilizavam os brinquedos das crianças ou outro material que a pedagoga selecionava anteriormente. O lanche era coletivo e composto por uma fruta, que a família que recebia o encontro na casa oferecia.

No início, o processo de adaptação aconteceu como ocorre na escola tradicional, os responsáveis acompanhavam os bebês e, depois de adaptados criança e responsável, os encontros aconteciam com a pedagoga e um responsável auxiliar, que também era definido nas reuniões. A curiosidade do movimento de creche parental é que as crianças conhecem, criam relação e se adaptam à presença de todos os responsáveis (pai e mãe) dos ‘amigos de turma’, estendendo a relação para os avós que também participam dos rodízios de acordo com a disponibilidade. E destaco essa curiosidade porque a ideia de grupo, coletivo e até mesmo aldeia, onde as crianças ampliam sua consciência de família, parentalidade e confiança nos integrantes da família dos amigos, acontece.

Como numa teia que é tecida diariamente, a escola entrelaça-se com a família e as crianças são sustentadas e apoiadas por essa teia que, generosamente, cresce e se educa junto. Nas reuniões de pais e mães, sempre havia relatos do quanto eles mesmos aprendiam com as orientações da pedagoga sobre as adaptações que a casa tinha que sofrer a fim de atender as crianças e as propostas pedagógicas. A postura de

comportamento que os pais e mães auxiliares devem ter para não interferirem no processo de aprendizagem, garantindo que os filhos tenham uma experiência de entrega e participação sem se limitarem à presença do pai ou da mãe; e as explicações de qual caminho a educação estava trilhando para desenvolver as crianças e de como dialogar com os próprios filhos dando continuidade à educação da creche em casa fazem parte de uma educação que as famílias que optam por creche parental têm acesso. É sobre ter proximidade à educação que é dada aos filhos, vê-la sendo realizada na prática, entender como acontece e legitimá-la em casa. O estreitamento é imediato, a educação acontece para todos os envolvidos, as ações da creche ganham sentido e tornam-se uma prática na família.

1.3 As reuniões: planejando a ação

As reuniões foram momentos necessários para a construção dos fundamentos da creche parental, para a integração do grupo, troca de ideias, alinhamento de desejos, apresentação das possibilidades e para as transformações do que podia melhorar e ser realizado de forma diferente. Como em todo projeto que é construído coletivamente, dedicar tempo para a fala e escuta garante que os princípios sejam estabelecidos e que a identidade do grupo apareça e se desenvolva. Segundo Freire (1994):

Isto significa também que cada participante exercitou sua fala, sua opinião, seu silêncio, defendendo seus pontos de vista. Portanto, descobrindo que, mesmo tendo um objetivo mútuo, cada participante é diferente. Tem sua identidade - cada indivíduo vai introjetando o outro dentro de si. Isto significa que cada pessoa, quando longe da presença do outro, pode “chamá-lo” em pensamento, a cada um deles e a todos em conjunto (FREIRE, 1994, p. 39).

O foco maior sempre foi às crianças, o bem-estar delas e uma educação de qualidade.

As reuniões da creche parental *Quintal* inicialmente eram realizadas uma vez por semana e todos os assuntos eram abordados: como foi a experiência dos encontros das residências, o que poderia melhorar, quais propostas poderiam ser repetidas, que desafios se apresentaram nos espaços externos, como as crianças estavam respondendo à educação proposta em casa, dúvidas dos responsáveis, ideias e orientações pedagógicas. As rodas eram formativas, com olhar, escuta, produção de conhecimento, e tudo era anotado pela pedagoga em seu caderno chamado diário de campo.

Esses registros foram elaborados ao longo dos quatro anos de existência da creche parental, sendo que dessa fonte nasceu a construção da dissertação. As memórias escritas no caderno permitem que a história da *Quintal* seja revisitada e posta neste texto com precisão dos fatos, preservando o histórico e as mudanças ocorridas no decorrer dos anos na creche parental, como afirma Cunha (2017):

A questão consiste em saber que uma memória, ainda que produzida individualmente, é uma representação e está repleta do pensamento social que envolve o sujeito. A própria afirmação recorrente de que a trajetória individual se transforma ao longo do tempo remete ao fato de que estamos muito bem afinados com o universo social que nos cerca. Os atrativos ou elementos das lembranças pessoais, que parecem pertencer exclusivamente àquele que as produziu, podem estar contidos nos meios sociais como parte de uma construção coletiva (CUNHA, 2017, p. 197).

Embora os registros começassem como apoio para a prática pedagógica, ao revisitá-los uma viagem ao tempo acontece e a riqueza das informações ali contidas e detalhadas resulta num arquivo completo com escritos, fotografias, vídeos, gravações e anotações informais ou formais do cotidiano, como atas das reuniões. Levar em consideração esses escritos como fonte para a dissertação deu sentido para todo o trabalho anotado ao longo desses quatro anos. Para Cunha (2017):

A ampliação do interesse historiográfico por acervos pessoais, e mais especificamente sobre as chamadas escritas ordinárias, tem se tornado crescente. Seu uso representa uma mudança significativa na construção de uma história da escola e um marco que revolucionou as práticas pedagógicas (CUNHA, 2017, p. 194).

O diário de campo guarda cada ata das reuniões, permitindo observar que, depois de três meses de creche parental o espaço de tempo entre as reuniões foi aumentando, fazendo com que ocorressem quinzenalmente. Após cinco meses, as reuniões tornaram-se mensais, e depois de dois anos de creche parental as reuniões passaram a ser bimestrais. O grupo reunia-se quando uma demanda era apresentada, e no calendário do ano letivo havia três reuniões marcadas com antecedência, a primeira, que marcava o início do ano; a segunda, no final do primeiro semestre; e a última, de

encerramento do ano letivo. A comunicação dos responsáveis com a pedagoga acontecia pessoalmente e por um grupo no *WhatsApp* com pais e mães.

A criação da creche parental requer movimentos anteriores de preparo, organização, combinados, alinhamentos e diálogos a partir de reuniões com todos os envolvidos. A distância entre o desejo de criar uma escola em casa e efetivamente iniciar uma educação domiciliar no modelo de creche parental também necessita de estudos, fundamentos, planejamento, paciência, comprometimento, disciplina e responsabilidade. O grupo precisa estar coerente e coeso, por isso as reuniões com debates e diálogo são importantes para fundamentar a proposta. No próximo capítulo a prática de educação domiciliar no modelo de creche parental será apresentada, alinhando a teoria que a estruturou com a prática no funcionamento diário da *Quintal*.

2 A CRECHE PARENTAL CHAMADA QUINTAL

A creche parental *Quintal* começou a partir do desejo de seis famílias que já se conheciam, eram amigas e encontravam-se para viver momentos de lazer com seus bebês recém-nascidos e trocar ideias. O desejo de fazer desses encontros um momento de educação fez o grupo buscar por uma pedagoga a fim de montar uma creche parental.

Essas famílias demonstravam curiosidade pela educação e engajamento em propostas alternativas, visto que tinham queixas e insatisfações com os modelos das escolas particulares. E suas inquietações são legítimas, como destaca Santos (2019):

Talvez a escola forjada nos moldes de projeto republicano não seja mais adequada à contemporaneidade. Se a escola e seu *modus operandi* majoritário chegaram a um ponto de inflexão, demanda-se um repensar e recriar a instituição (SANTOS, 2019, p.220).

Diante do movimento e da inquietação, as famílias perceberam que trazer uma profissional do magistério para atuar no grupo era essencial para a consolidação do desejo de criar uma creche para os filhos. Portanto, a intenção era criar uma escola diferente e não desescolarizar as crianças, pois há uma diferença grande entre a educação domiciliar e a desescolarização, como destaca Santos (2019):

Ao que tudo indica, a desescolarização busca uma desvinculação dos fazeres e das formas escolares (como “grade curricular”, planos de aula, avaliação sistematizada etc.) enquanto a educação domiciliar se relaciona mais intimamente às propostas, aos fazeres e aos saberes escolares, a partir de outras dinâmicas do contexto (SANTOS, 2019, p 19).

O desejo das famílias de estarem próximas à primeira etapa da educação dos filhos foi realizado com a primeira fase da estrutura da creche parental. As famílias estavam tão dispostas a se responsabilizarem pela educação dos filhos em casa, que se empenhavam e buscavam oferecer uma educação melhor do que tiveram, como cita Savater:

“La educación es sin duda el más humano y humanizador de todos, según luego veremos-, la tarea de educar tiene óbvios límites y nunca cumple sino parte de sus mejores – o peores- propósitos. Pero no creo que ello la convierta en una rutina supérflua ni haga irrelevante su orientación ni El debate sobre los mejores métodos con que llevarla a cabo. Sin duda el esfuerzo por educar nuestros hijos mejor de lo que nosotros fuimos educados...” SAVATER,1997, p.13)

Após as reuniões iniciais entre a pedagoga e os responsáveis das crianças para alinharem expectativas, propostas e desenharem como seria a creche parental, a estrutura ficou definida. A creche parental teria suas aulas iniciadas em agosto de 2017 com encontros pedagógicos nos ambientes domésticos, ou seja, nas casas das famílias, alternando com encontros em ambientes externos e públicos como praças e parques no mesmo bairro das residências das famílias, com a periodicidade de três encontros por semana, sendo estes segunda, quarta e sexta-feira no horário de nove às onze horas da manhã, totalizando seis horas semanais de creche parental. As crianças eram bebês na faixa etária de oito meses que tinham mais disposição no horário da manhã, e com isso os encontros foram deliberados para acontecerem no turno matutino. No Quadro 5 apresento essas informações.

QUADRO 5 – Creche Parental Quintal (2017)

Quadro 5- Creche Parental <i>Quintal</i> (2017)			
Dias	Locais	Horário	Carga horária semanal
-Segunda-feira -Quarta-feira -Sexta-feira	Casas das famílias (segunda e quarta) Praças e parques (sexta)	9:00 – 11:00 horas	6 horas

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Nas segundas e quartas-feiras os encontros pedagógicos aconteciam nas casas. Eram seis famílias, logo seis casas eram disponibilizadas para acontecerem os encontros da creche parental. A escolha das casas acontecia em forma de rodízio, para que cada casa recebesse um encontro de creche parental, e dessa maneira não ficava sobrecarregado para nenhuma família abrigar a creche parental em seu ambiente doméstico com frequência. Para a casa receber a creche parental era necessário um conjunto de observações para que o ambiente fosse adaptado e apto a receber crianças, pedagoga e materiais pedagógicos.

Os encontros eram previamente combinados no grupo de *WhatsApp* que tinha como participantes os responsáveis - pai e mãe - de cada criança e a pedagoga. A casa

que receberia a creche no dia comprometia-se com a organização para que não houvesse interrupções ou um fluxo de pessoas a mais, como diaristas ou visitas de estranhos; e com a limpeza e higiene dos espaços que seriam utilizados, como banheiro, cozinha, varanda, sala ou quarto da criança. Com essa combinação prévia, os encontros pedagógicos fluíam com eficiência e dinâmica e o objetivo pedagógico era cumprido, ainda que fora da escola. Destaco que a organização, os combinados com as famílias e o comum acordo com todos torna a experiência fluida e coerente e impacta diretamente na proposta de fazer a ‘escola’ em casa.

Nos encontros, as crianças viviam experiências pedagógicas para a sua faixa etária, encontravam os colegas da turma, aprendiam e desenvolviam-se. Para esses momentos, a pedagoga chegava à casa da família que receberia o grupo dez minutos antes do horário para preparar o espaço que seria utilizado, organizando os brinquedos, o material de arte e, por vezes, mudar de posição os móveis e objetos do local. Tornar o ambiente doméstico diferente de uma casa e semelhante a uma escola era um desafio posto em todos os encontros, e o movimento de arrastar móveis, substituir objetos, pendurar tecidos, dispor brinquedos e materiais pedagógicos era o segredo para a efetividade dos encontros.

O planejamento era realizado cronometricamente, ilustrado no Quadro 6:

QUADRO 6 – Planejamento (2017)

Quadro 6- Planejamento (2017)			
Horário	Atividade	Descrição da atividade	Campo de experiências da BNCC
8:50 - 9:00	Organizar o espaço	Arrastar móveis, tirar tapetes, adaptar a casa para receber as crianças.	Corpo, gestos e movimento.
9:00 - 9:40	Roda Proposta pedagógica	Fazer a roda, cumprimentar as crianças, fazer uma proposta pedagógica sensorial.	Escuta, fala, pensamento e imaginação. O eu, o outro e o nós. Corpo, gestos e movimento.

			Traços, sons, cores e formas.
9:40 - 10:20	Higiene Lanche Trocas de fralda	Organizar o espaço, guardar os materiais, lavar as mãos, se preparar para o lanche, depois do lanche trocar as fraldas.	Corpo, gestos e movimentos. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.
10:20 - 11:00	Registro Histórias Massagem	Finalizar os encontros com alguma proposta artística: desenho, colagem, pintura; leitura de um livro; massagem de contorno corporal.	Traços, sons, cores e formas. Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Na sexta-feira os encontros pedagógicos da creche parental eram realizados na pracinha do bairro, próxima às residências. A proposta pedagógica era o brincar em ambiente ao ar livre, com experiências sensório-motoras correspondentes à idade dos bebês. As crianças também viviam experiências de brincar nos brinquedos da praça, e realizavam propostas de pintura com elementos da natureza e tinta natural. Ao Final do encontro, era realizada a leitura de um livro.

Na Figura 7, uma bebê está sentada no chão de areia da pracinha, com um tecido de voile branco sob os pés e uma garrafa de água vazia e sem tampa que estava servindo de depósito para as sementes que ela encontrava pela areia. Nessa proposta, ela enchia e esvaziava a garrafa com areia, sementes, galhos e experimentava suas texturas e formas, descobrindo o que passaria ou não pelo bico da garrafa por causa do tamanho.

Figura 7 – Experiências sensório-motoras na praça



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

O lanche era realizado em formato de piquenique, e quando as crianças eram avisadas que estava na hora de comer, guardavam os brinquedos, lavavam as mãos e se direcionavam para a toalha de lanche, que era colocada no chão. Elas se posicionavam em formato de roda e as frutas que eram enviadas pelas famílias, compondo o lanche coletivo, eram colocadas no meio da roda. Assim os bebês desenvolveram a potência de compreender o que aconteceria no momento do lanche, e como aconteceria, de forma que depois de alguns encontros, se preparavam com autonomia, demandando apenas os cuidados dos adultos nos momentos de higienização das mãos, como exemplificado na Figura 8.

Figura 8 - Crianças em roda lanchando



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Nos meses de agosto a outubro de 2017, as crianças ficaram acompanhadas por um responsável, que era representado pelo pai, pela mãe, pelos avós ou pela babá. Algumas vezes tios(as) e madrinhas também representavam os responsáveis. Gradativamente, as crianças foram se adaptando com a pedagoga, não precisando mais da presença dos responsáveis. Por se tratar de uma creche parental em que as famílias se responsabilizavam pela educação dos filhos em sua própria casa, sempre havia a presença de um responsável de referência, pai ou mãe de alguma criança, e que, por se tratar de um grupo de amigos, as outras crianças já conheciam.

Após a adaptação das crianças, a presença de um adulto para auxiliar a pedagoga era imprescindível nesses encontros pedagógicos, e geralmente esse papel cabia a alguém da família que abria a casa para receber a creche naquele dia. Para isso, sempre havia uma conversa no momento de organizar o espaço, em que a pedagoga sinalizava o que seria feito naquele dia e o que ele deveria fazer para ajudar durante as propostas pedagógicas, lembrando do distanciamento necessário para que não dispersar as

crianças com brincadeiras fora de hora, interrupções, ruídos e uso do celular, além de evitar o favorecimento do próprio filho. Ou seja, os adultos eram orientados da mesma maneira que um auxiliar de turma numa escola, para que o foco fosse o desenvolvimento das crianças e as propostas educacionais pedagógicas que caracterizavam a creche parental. Tendo em vista que a cada encontro havia uma pessoa diferente, esse trabalho desenvolvido com os adultos responsáveis era de suma importância para o funcionamento da rotina da creche parental.

As crianças desenvolveram a potência de criar vínculo com os responsáveis de seus amigos de turma, pois, além de se encontrarem na creche parental, estavam visitando a casa de um amigo e reconhecendo o responsável que estava presente também nos fins de semana quando as famílias se encontravam nos momentos de lazer. Como relatei anteriormente, foi nesses encontros de lazer que esse grupo de responsáveis idealizou a criação de uma creche parental.

Ter adultos que não são pedagogos como auxiliares de propostas pedagógicas é um desafio, tem seus prós e seus contras, contudo, quando há respeito, disponibilidade e escuta as orientações realizadas pela pedagoga são seguidas e os encontros realizados com eficiência.

De agosto a dezembro de 2017, os encontros da creche parental *Quintal* foram realizados com sucesso nas casas das famílias, em esquema de rodízio, por duas horas por dia nos três dias determinados. As crianças, que eram bebês de 8 meses em agosto, completaram 1 ano de idade em dezembro. A demanda corporal era outra, os bebês, que antes engatinhavam, estavam começando a andar, e os espaços domésticos das casas estavam ficando pequenos. Além disso, as mães estavam voltando para seus trabalhos e precisavam de mais tempo das crianças na creche.

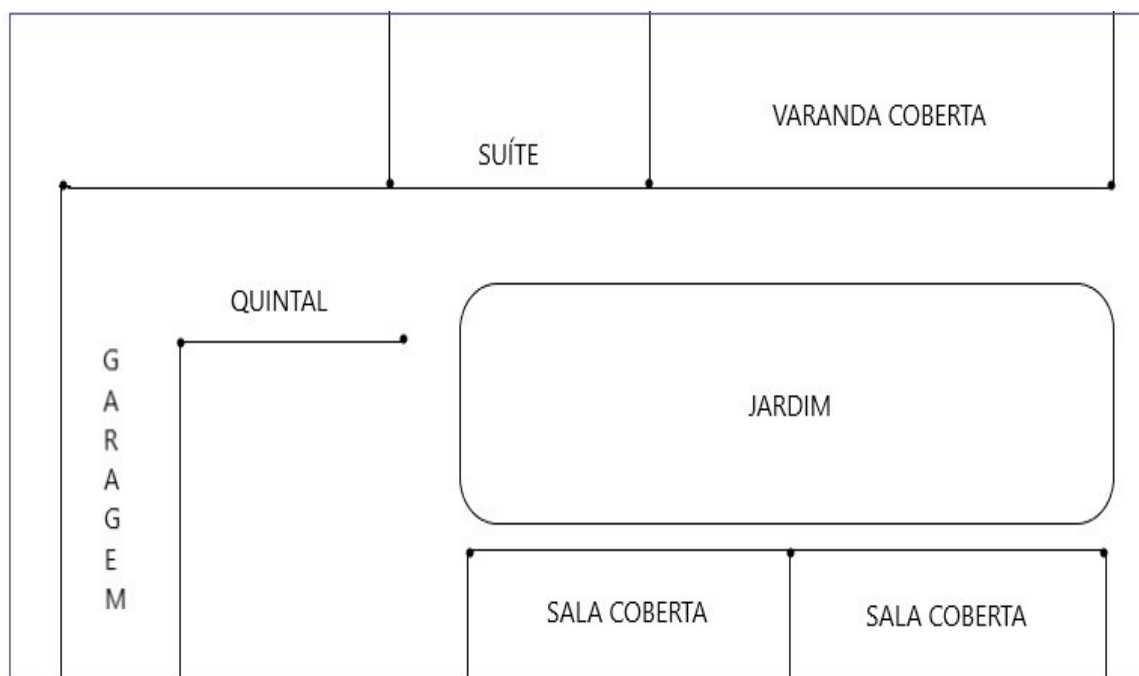
Diante dessas demandas, uma reunião foi realizada em dezembro de 2017, deliberando que as famílias iriam buscar um local fixo para alugar mensalmente, e as crianças teriam sua jornada aumentada. A creche parental passaria a funcionar de segunda a sexta, no período da tarde, no horário de uma e cinco horas, com uma pedagoga que já acompanhava o grupo, mas sem a presença dos responsáveis. Sendo assim uma auxiliar seria contratada e as famílias seriam as administradoras da creche parental, realizando visitas quando quisessem e atuando nela com alguma oficina ou aula extra, como dança e yoga. E foi assim que a creche parental *Quintal* teve sua primeira reconfiguração, que se iniciou em janeiro de 2018.

2.1 Creche parental *Quintal*: evoluindo para um espaço fixo

Em janeiro de 2018, após quatro meses (agosto a dezembro de 2017) de creche parental funcionando nas residências das famílias e em praças públicas, o grupo decidiu que alugar uma casa para ter um espaço fixo era a melhor alternativa para dar continuidade ao projeto, atendendo à demanda de extensão do horário e dos dias da semana de encontros.

Uma família do grupo encontrou uma casa que estava à venda na rua que residiam, e fizeram uma proposta de aluguel mensal enquanto a casa não era vendida, no valor de R\$1.500,00 para os proprietários. O acordo foi estabelecido informalmente entre os vizinhos e mensalmente era renovado. O pagamento era realizado por depósito mensal para os proprietários, e cada uma das 6 famílias depositava o valor de R\$250,00. A parte da casa que era utilizada pela creche parental abrangia a área externa composta por garagem, quintal, uma varanda coberta com uma suíte, jardim e em caso de chuva, duas salas cobertas na área interna da casa. Na Figura 9 um desenho da planta da casa, ilustra os espaços.

Figura 9 - Desenho da planta da casa



Fonte: desenho elaborado pela autora, 2022.

Foi então que a creche parental *Quintal* ganhou esse nome escolhido pelas crianças, tendo em vista que todos os dias elas iam para o quintal brincar e aprender. E dessa forma a creche passou a funcionar totalizando vinte horas semanais e contando com uma auxiliar de turma contratada para atuar com a pedagoga no período de aula, como destaque no Quadro 7.

QUADRO 7 – Creche Parental *Quintal* (2018)

Quadro 7- Creche Parental <i>Quintal</i> (2018)			
Dias	Local fixo	Horário	Carga horária semanal
De segunda a sexta-feira	Casa alugada pelas famílias	13:00 às 17:00 horas	20 horas

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

As famílias continuaram a ter acesso irrestrito ao trabalho, principalmente no que dizia respeito à administração da creche, pois a maioria dos responsáveis tinha voltado às suas rotinas de trabalho, e ela fazia o papel da instituição escolar, recebendo as crianças por um turno.

Com o funcionamento da creche parental no horário maior, o planejamento e a estrutura do currículo foram redefinidos. A partir desse momento em que as horas e os dias da semana foram todos preenchidos, a estrutura curricular e pedagógica foi redesenhada para atender à nova demanda das crianças, a fim de proporcionar o desenvolvimento correspondente àquela faixa etária.

Assim, em 2018, foram inseridas na proposta pedagógica aulas extras de capoeira, música e yoga. A creche parental ia se tornando real, funcionando em seu próprio espaço fixo e se distanciando dos encontros em ambientes domésticos. Diariamente, o que diferenciava a creche parental da escola era o número reduzido de crianças, o uso exclusivo de um espaço físico para a única turma e a administração das famílias no lugar da administração escolar. No cotidiano, as crianças eram acompanhadas pela pedagoga e pela auxiliar de turma que era psicóloga, o planejamento era elaborado a partir da escuta do grupo, das orientações da Base Nacional Comum Curricular para a faixa etária correspondente, e dos estudos das pedagogias inovadoras e contemporâneas em que o brincar livre, o contato com a

natureza e a arte na educação infantil eram exploradas e consideradas importantes para o desenvolvimento infantil. A pedagoga responsável pela proposta pedagógica possuía graduação em pedagogia, pós-graduação em educação especial inclusiva e pós-graduação em arte-educação, e cursos livres na abordagem de Reggio Emília, Emi Pikler, psicomotricidade e literatura para a infância.

No Quadro 8 o planejamento é exemplificado para melhor compreensão da organização do tempo das crianças na creche parental.

QUADRO 8 – Planejamento (2018)

Quadro 8- Planejamento (2018)			
Horário	Atividade	Descrição da atividade	Campo de experiências da BNCC
13:00 – 13:40	Entrada e recepção das crianças com brincadeiras	Chegada, guardar mochila, tirar sapatos, cantinhos com livros, propostas sensoriais, desenho.	O eu, o outro e o nós. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Corpo, gestos e movimentos.
13:40 – 14:00	Roda Chamada	Fazer a roda, cumprimentar as crianças, fazer a chamada com fotografias e nomes.	Escuta, fala, pensamento e imaginação.
14:00 – 14:45	Brincadeira livre na natureza	Brincadeiras com potinhos, pás, bichinhos, misturas com água e terra preta, observação dos insetos, das flores, das folhas.	Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Corpo, gestos e movimentos.
14:45 – 15:40	Higiene Lanche Trocas de fralda	Organizar o espaço, guardar os materiais, lavar as mãos, se preparar para o lanche, depois do lanche trocar as	O eu, o outro e o nós. Corpo, gestos e movimentos.

		fraldas.	
15:40 – 16:30	Proposta pedagógica artística	Colagem; pintura; desenho; experiências com gelo; propostas diversas.	Traços, sons, cores e formas.
16:30 – 17:00	Preparar para saída, momento de leitura	Organizar mochilas, calçar sapatos, leitura de histórias.	Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

O ambiente era organizado para que as crianças tivessem autonomia na circulação pelo espaço, visitando as estações pedagógicas que as convidavam a desenvolver sua curiosidade a partir dos objetos, brinquedos e material dispostos. Os livros eram disponibilizados em uma cesta de palha que ficava no chão em cima de um tecido e as crianças podiam, livremente, escolhê-los, sentar-se, folheá-los e depois guardá-los no lugar. O canto de bonecas também era organizado com tecidos, para que pudessem enrolar os ‘nenéns’, e fraldas para que brincassem de colocar e tirar, representando na brincadeira os cuidados que viviam em seu próprio corpo. Os jogos de encaixar como Lego e encaixes de madeira em diversos formatos, convidavam as crianças a construir suas torres e cidades e brincar com os carros.

Diariamente os cantinhos eram dispostos de maneiras diferentes e convidativas para que as crianças se movimentassem, explorassem e vivessem a experiência da escola com autonomia e liberdade. Por estarem no mesmo lugar todos os dias, com as mesmas crianças, a estratégia da pedagoga era que o ambiente fosse educador, construtivo e dinâmico. Na Figura 10, a creche parental está retratada de longe, demonstrando o espaço que era utilizado como escola.

FIGURA 10 – Quintal



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2018.

A Figura 10 retrata a varanda coberta onde a sala de aula era montada com um canto com almofadas e rede, uma bancada com livros e um painel com flores. No centro havia um grande tapete usado para reunir a turma para as rodas de leitura e conversas, na outra parede, um quadro para desenho e no chão em frente ao quadro, um papel pardo com pote de giz de cera para que os desenhos fossem feitos no quadro e no chão forrado com papel. A janela aberta é da suíte onde ficavam os brinquedos de encaixar e outros objetos da creche, além de um banheiro. O degrau abaixo da varanda levava ao jardim, que também era usado com brinquedos, casinhas, caixas com potinhos e pás para as crianças brincarem e explorarem a parte ao ar livre. Nesta imagem a pedagoga e educadora estão sentadas em roda com as crianças, contando história.

Todos os materiais da creche foram doados pelas famílias, cada família trouxe o que tinha em casa e que não estava sendo usado, como tapete, caixas, rede, quadro, brinquedos, e os materiais de arte e livros eram comprados de acordo com a demanda. Os custos eram divididos entre as famílias e administrados por eles.

No ano de 2019 as crianças completaram 3 anos e a creche passou a funcionar com mais uma hora, entre 13:00 e 18:00 horas. Com o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional da idade, os passeios foram implementados com mais frequência. Dessa forma, visitamos o Museu do Amanhã, o Museu da Ciência, o Instituto Moreira Sales, Museu Eva Klabin e o Jardim Botânico. Andamos de metrô, fizemos passeio na Lagoa e toda quarta-feira o encontro da creche parental acontecia no Parque Lage. Para esses passeios acontecerem era necessária a ajuda e participação dos responsáveis que poderiam ser a mãe, o pai, os avós, e as babás. Para transportar as crianças, os responsáveis revezavam-se usando os próprios carros ou alugando um transporte particular. Nas figuras 11, 12 e 13 ilustro os passeios ao Museu do Amanhã, ao Museu Eva Klabin, e ao passeio na Lagoa, respectivamente.

Figura 11 – Passeio ao Museu do Amanhã



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

Figura 12 - Passeio ao Museu Eva Klabin



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

Figura 13 – Passeio na Lagoa



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

No calendário da creche parental definido todo início de ano em reunião da pedagoga com as famílias, eram programados três eventos: baile de carnaval, festa junina e encerramento no final do ano.

Nos dias de chuva a parte ao ar livre ficava comprometida e molhada, e na varanda, por vezes era frio, sendo assim, utilizava-se a parte interna da casa. Eram duas salas grandes com portas de vidro que eram transformadas em ambientes de aprendizagens com material e propostas pedagógicas. Na Figura 14, as crianças estão brincando, num dia de chuva, com luzes e sombra, e na Figura 15 ouvindo uma história, também um dia chuvoso dentro da casa.

Figura 14 – Crianças brincando dentro de casa



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2018.

Figura 15- Crianças ouvindo história dentro da casa



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2018.

As avaliações eram realizadas a partir de um relatório com a descrição do desenvolvimento das crianças no respectivo ano, com textos e fotografias que a pedagoga entregava para as famílias no final do ano letivo. A creche parental tinha dois recessos, um no meio do ano, de quinze dias, e outro no final do ano, também de quinze dias, totalizando 30 dias de férias para a pedagoga e a educadora.

A pedagoga era remunerada pelas famílias, e a definição do valor foi acordada entre famílias e pedagoga no início do projeto, utilizando como base o salário da pedagoga na última escola que atuou como docente na zona sul do Rio de Janeiro, prevendo reajustes anuais. No ano de 2017 foi acordado o valor de R\$1.200,00 para o atendimento dos seis bebês por 6 horas semanais.

No ano de 2018 o salário foi reajustado para R\$3.500,00, para o atendimento de seis crianças por 20 horas semanais. Em 2019, o salário foi reajustado para R\$4.200,00

para o atendimento da mesma turma por 25 horas semanais. Em 2020 e 2021, durante a pandemia de covid-19, a pedagoga se deslocou para um sítio na serra do Rio de Janeiro, isolando-se com as famílias para continuar a educação domiciliar, com isto o acordo estabelecido pela pedagoga foi a cobrança de uma mensalidade no valor de R\$1.000,00 por criança para o atendimento de 30 horas semanais.

O pagamento era realizado todo dia 5 de cada mês, via depósito. O valor total do salário era dividido entre as partes que depositavam individualmente na conta corrente da pedagoga e o controle dos pagamentos era feito pelo comprovante de transação bancária. Nunca houve atraso ou inadimplência nos pagamentos.

O trabalho era em regime informal, como se fosse uma aula particular que a pedagoga dava, sem vínculo empregatício e carteira assinada. A pedagoga era responsável por pagar seu próprio INSS (Instituto Nacional do Seguro Social).

A creche parental *Quintal* funcionou nessa casa alugada de janeiro de 2018 a março de 2020, quando iniciou a pandemia de covid-19. A partir desse evento extraordinário, uma nova reconfiguração aconteceu na creche parental para que as crianças continuassem tendo suas aulas.

2.2 *Quintal* da Mata: uma reconfiguração para educar na pandemia

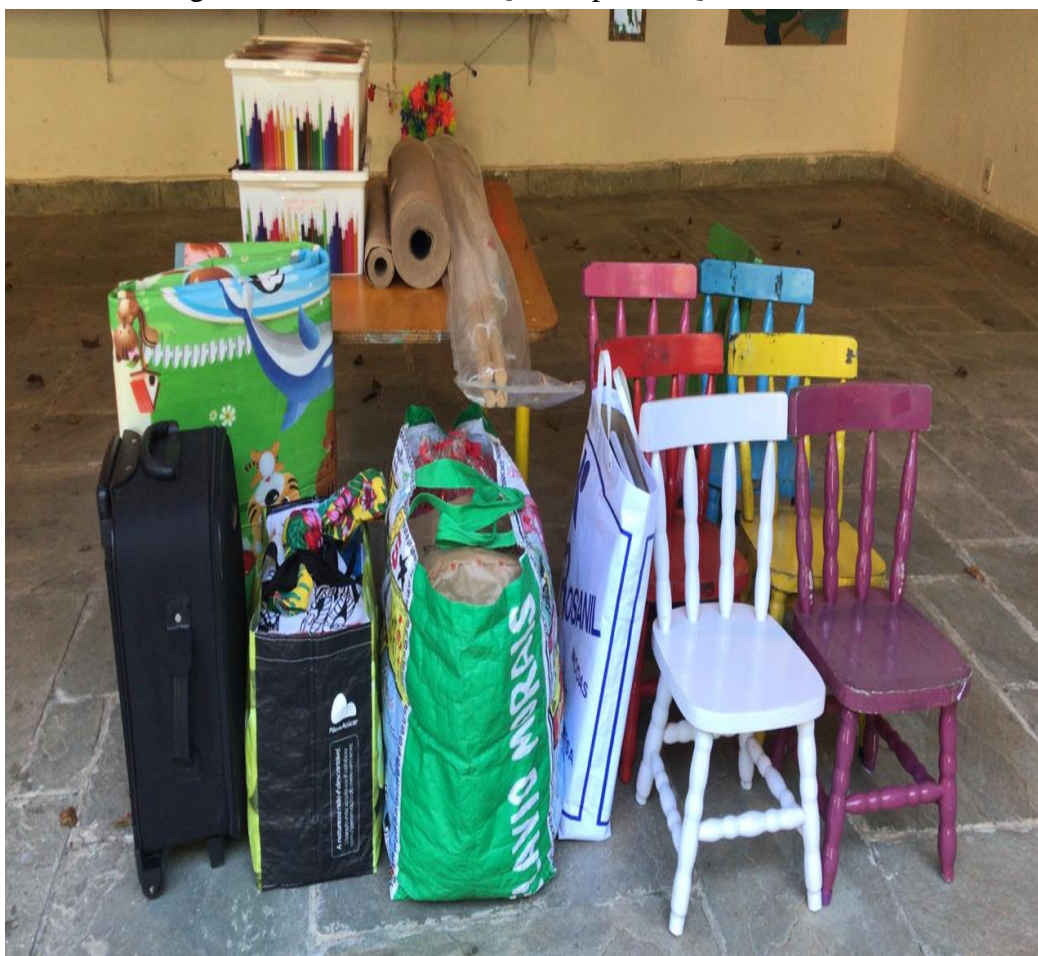
Em março de 2020 a pandemia de coronavírus estourou no Brasil e no mundo, as aulas foram suspensas, os comércios fechados e a quarentena instalada. A *Quintal* também teve suas aulas interrompidas e primeiramente os encontros *online* foram considerados, contudo não funcionavam para as crianças pequenas, que estavam com 3 anos de idade e não tinham o hábito de usar as telas.

Uma família isolou-se em seu sítio na serra do Rio de Janeiro e apresentou para as outras famílias da creche parental a proposta de fazer o *Quintal da Mata*. A ideia era que cada família alugasse uma casa perto do sítio, onde havia uma casa de hóspedes para abrigar a pedagoga e a educadora, que também se isolariam, e um salão com copa e banheiro que poderia servir de instalação para a creche parental. No primeiro momento eu estranhei a possibilidade de me isolar em um sítio com as famílias, ainda que em casas separadas, no meio da serra do Rio de Janeiro. Contudo, o medo havia se instalado na cidade, e o cessamento das atividades estavam me deixando nervosa e insegura. A motivação para encarar essa aventura foram as condições de isolamento,

que estavam muito complexas na cidade; e pensar em estar trabalhando e com as crianças me traria de volta uma normalidade naquela situação extrema.

No dia 23 de maio de 2020 fui até a casa alugada aonde funcionava a creche parental *Quintal* e separei todos os materiais que elegi como importante e básico para realizar a creche parental na mata. Na Figura 16 estão as cadeiras, a mesa, os papéis, os tapetes, a mala com livros e as caixas com materiais de arte, nas sacolas os bonecos, tecidos e alguns brinquedos.

Figura 16 – Materiais do Quintal para o Quintal da Mata



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020.

Após juntar todo o material retratado na Figura 16, no dia 27 de maio de 2020 viajei para a serra. Estava diante do maior desafio da minha vida: isolar-me da minha família em meio à crise causada pela pandemia, viajando a trabalho com a condição de não receber visitas, já que o vírus estava sem controle e ainda era um momento de poucas respostas da ciência quanto ao que se apresentava. Sem dúvidas foi um desafio complexo e que me ensinou muito.

Ao chegar, instalei-me na casa de hóspedes com a minha parceira de trabalho, que também se encontrava nas mesmas condições que eu. Um dos motivos de aceitarmos essa proposta de trabalho na serra foi o fato de irmos juntas e dividirmos a casa de hóspedes. A companhia de uma amiga em meio à crise mundial, ao medo e as indefinições que todos viviam, era fundamental.

No *Quintal* da Mata, iniciávamos o trabalho às 10:00 horas e encerrávamos às 16:00 horas, totalizando trinta horas semanais, conforme exemplificado no Quadro 9.

Quadro 9 – Creche Parental *Quintal* da Mata (2020/2021)

Quadro 9- Creche Parental <i>Quintal</i> da Mata (2020/2021)			
Dias	Local fixo	Horário	Carga horária semanal
De segunda a sexta-feira	Sítio na serra do Rio de Janeiro	10:00 às 16:00 horas	30 horas

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Nesse período as crianças almoçavam e lanchavam na creche. As famílias levavam o almoço, que era armazenado na geladeira e esquentado no micro-ondas.

A rotina e o planejamento eram organizados de uma maneira diferente. Passeávamos bastante ao ar livre, a fim de observar, conhecer e se adaptar ao ambiente rural, que era composto por muitas árvores, cachoeiras, animais selvagens, como cobras, escorpiões e aranhas, e caminhos que mais pareciam com trilhas do que com ruas. No Quadro 10 ilustro o planejamento do *Quintal* da Mata.

Quadro 10 - Planejamento (2020/2021)

Quadro 10- Planejamento (2020/2021)			
Horário	Atividade	Descrição da atividade	Campo de experiências da BNCC
10:00 – 11:00	Entrada e recepção das crianças com cantinhos e mesas de propostas pedagógicas.	Chegada, guardar mochila, tirar sapatos. Três mesas dispostas com desenho, jogos matemáticos e massinha.	O eu, o outro e o nós. Corpo, gestos e movimento.
11:00 – 11:30	Roda Chamada	Fazer a roda, completar o calendário, cumprimentar as crianças, fazer a chamada com fotografias e nomes, conversar sobre como se sentem.	Escuta, fala, pensamento e imaginação.
11:30 – 12:20	Passeio e brincadeira livre na natureza	O passeio no bosque, na agrofloresta, nas cachoeiras.	Escuta, fala, pensamento e imaginação. O eu, o outro e o nós. Espaços, tempos quantidades, relações e transformações
12:20 – 14:20	Higiene Almoço Escovar os dentes Descanso	Lavar as mãos, esquentar as comidas, colocar a mesa, almoçar, escovar os dentes, descansar com momentos de leitura e desenho.	Espaços, tempos quantidades, relações e transformações.
14:30 –	Passeio e brincadeira	Passeio; Colagem;	Traços, sons, cores e

15:30	livre na natureza ou proposta artística.	pintura; desenho; experiências; propostas diversas.	formas. O eu, o outro e o nós.
15:30 – 16:00	Lanche e preparar para saída	Lanche; mochilas, sapatos.	organizar calçar O eu, o outro e o nós. Corpo, gestos e movimento.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

O tempo no ambiente rural passa de maneira diferente, não existe a agitação e a aceleração da cidade. No *Quintal* da Mata as crianças viviam os processos com mais calma e tranquilidade e o ritmo era imposto pelo corpo delas. O planejamento contemplava as propostas pedagógicas que aconteciam nas mesas e, por vezes, nos ambientes externos. Os passeios eram frequentes porque a natureza, as árvores, o bosque, as flores, os animais, a cachoeira eram objetos de pesquisa e trabalho. As crianças passavam horas observando e desenvolvendo o olhar para as transformações que aconteciam de um dia para o outro, como o crescimento ou desaparecimento de cogumelos, formigueiros e casulos de borboleta. A paisagem mudava a cada estação, e por estarmos imersas naquele ambiente percebíamos cada modificação, como nível da água na cachoeira, a cor das folhas, o volume de folhas na copa das árvores, e no outono, os tons de marrom pelo chão. Ou seja, foi uma adaptação enorme não só por estarmos acostumados ao ambiente urbano, mas também pelas condições que nos levaram a estar ali, como a pandemia de covid-19.

Na hora da roda as crianças expunham suas dúvidas sobre o vírus com perguntas como “Quando ele vai acabar?”, “Quando poderemos tomar a vacina?”, “Na cidade ainda tem gente?”, “Quando isso vai acabar?” e verbalizavam suas dores “Prefiro a cidade porque tem mais pessoa”, “Gostava de ir para a nataçãõ toda terça e quinta”, “Lembra dos passeios que fazíamos no Parque Lage?”, “Quería ver meu avô e minha avó”. Nesses momentos conversávamos e trocávamos ideias sobre o que se tinha resposta e o que ainda era uma dor coletiva e mundial.

Conversar com as crianças sobre o que estava acontecendo no mundo, o porquê estarmos todos ali em isolamento, os privilégios que tínhamos por estarmos em um local protegido onde a máscara não se fazia necessária e sobre todas as inseguranças e medos que eles observavam nas suas casas, foi o maior desafio que vivi como pedagoga

até hoje. Explicar o que é inimaginável, extraordinário e que a ciência ainda não tinha respostas nem vacina e que estava matando as pessoas foi assustador.

No *Quintal* da Mata, de acordo com as propostas pedagógicas, todos os dias as crianças encontravam, ao chegar, uma mesa de desenho, outra de colagem, outra de massinha, os brinquedos expostos em cada cantinho para que explorassem e desenvolvessem suas habilidades, os livros para que lessem a qualquer hora do dia, e os passeios que fazíamos pela manhã e depois do almoço. Toda rotina era organizada, embasada e pensada.

Com a proximidade com a natureza, incluímos no planejamento colher e plantar, já que no sítio havia uma horta e uma agrofloresta onde as crianças podiam observar o crescimento dos alimentos, as flores e os frutos. Na Figura 17, as educandas e a pedagoga estão sentadas após a colheita.

Figura 17 – Pedagoga e crianças após colheita



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2021.

Na Figura 17 a mudança da paisagem é o que chama muita a atenção. Educar em espaço rural, completamente diferente do espaço urbano, é um desafio, tudo muda, a proposta inteira é ressignificada e adaptada às condições ambientais. E o desafio era manter o foco da educação enquanto o mundo estava repleto de mortes, pobreza, tristeza e confusão. Educar na pandemia foi árduo, o isolamento e a falta de respostas uma agonia.

O período de creche parental no sítio aconteceu de junho de 2020 a dezembro de 2021, contudo a minha atuação com a minha parceira de trabalho ocorreu em dois períodos: de maio a setembro de 2020 e entre janeiro e julho de 2021. As interrupções aconteceram devido ao isolamento, pois eu e minha parceira de trabalho não aguentamos ficar todo o tempo no sítio e longe da família. No período em que ficamos fora, a creche parental continuou funcionando normalmente, com outros educadores que os responsáveis encontraram.

Despedi-me do projeto *Quintal* em julho de 2021. No segundo semestre, as famílias começaram o movimento de matricular as crianças em escolas particulares e também encerraram a educação domiciliar no modelo de creche parental. Em janeiro de 2022, todas as crianças estavam matriculadas em escolas particulares, completando a pré-escola.

A importância da creche parental para as crianças, a pedagoga, a educadora e as famílias é medida pela permanência e intensidade das memórias. Foram quatro anos de convivência e coletivo educacional. Para as crianças, a oportunidade de viver a primeira infância com uma educação única e singular, pensada e planejada em cada detalhe, com atenção a cada fase de desenvolvimento, oferecendo uma liberdade de brincar, descobrir o mundo, expressar-se a partir da arte respeitando o tempo de cada um é uma experiência que imprime um novo olhar para a educação e para o que pode ser a escola.

No Apêndice desta dissertação está o recorte do diário de campo do primeiro mês de *Quintal* da Mata, com um álbum de fotografias e descrição das propostas.

2.3 Desafios e perspectivas

A prática de *homeschooling* no Brasil e todo o movimento criado nas últimas décadas para sua regulamentação no país trouxeram à tona desafios de várias ordens. Entre eles têm se destacado os de natureza legal e jurídica, mas também se faz presente o complexo debate sobre a educação e sua estreita relação com a instituição escolar, que

historicamente assumiu o lugar de proporcionar, além de acesso aos conteúdos acadêmicos, formação para cidadania e socialização entre crianças e adolescentes. Também inserida nesse contexto, está à problemática que envolve a figura do professor diante de um cenário em que os pais assumem a função de professores de seus filhos, responsabilizando-se pelos processos educativos, independentemente de formação na área da educação. Em relação à formação dos docentes da Educação Básica a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) estabelece o seguinte:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, no modelo normal. (BRASIL, 1996,n.p.).

O fato de existirem pessoas que desenvolvam bem o trabalho docente, como mães e pais que assumem essa responsabilidade de educar e ser tutor do próprio filho em casa, o trabalho docente qualificado pela formação é um ofício de profissionais.

Desde meados do século XX, alguns estudiosos argumentam que a escola não estaria sendo mais apropriada para a função para a qual foi destinada, como ser pública, obrigatória, gratuita, democrática e laica, corrigindo as desigualdades sociais. Diversas acusações vêm sendo direcionadas à escola por ter ela se desvirtuado de seu propósito como *locus* privilegiado para a formação de um ser humano crítico, consciente, participativo e fundamental para uma sociedade mais justa e igualitária. Para Cury

A escola era e continua a ser o lugar mais permanente de convivência fora de casa: lugar institucional de permanência contínua, sistemática,, avaliada por, pelo menos, cinco dias por semana e por, pelo menos, quatro horas por dia. Não há outra instituição com iguais características em nossa sociedade. E é esta superposição da instituição escolar por sobre a instituição familiar que trouxe impactos inusitados e revelações inéditas. (CURY, 2020)

Como será lembrada a escola do século XXI? Nos primeiros anos desse século, vivemos uma era de contestações a essa instituição e neste cenário de duras críticas e oposição que a educação domiciliar ressurgiu como alternativa de um número crescente de famílias. Segundo a Associação Nacional de Educação Domiciliar (ANED), já são mais de quinze mil estudantes entre 4 e 17 anos, no Brasil, adeptos

praticantes da modalidade de educação em que os pais são os responsáveis diretos pela educação dos filhos, para Vasconcelos e Morgado:

Cabe ressaltar que a educação doméstica, hoje, abrange categorias diversas da sociedade, atendendo a diferentes motivações, que vão desde concepções religiosas, filosóficas, até condições relativas ao contexto vivido, a necessidades especiais dos alunos e a circunstâncias momentâneas, que impedem os pais de colocarem seus filhos na escola. (VASCONCELOS; MORGANO, 2014, p. 225)

Um dos argumentos apresentados pelas famílias que encabeçam o movimento pela regulamentação da educação domiciliar no Brasil é que a escola não pode ser a via exclusiva para o desenvolvimento da educação, ocorrendo assim um forte questionamento da obrigatoriedade escolar como única ferramenta única considerada apta pelo Estado para garantia do direito fundamental à educação.

A necessidade de explorar essa temática, nos órgãos e nos lugares próprios relacionados à educação torna-se cada vez mais latente, tendo em vista que o crescente número de famílias adeptas à modalidade de educação domiciliar no país faz com que a segurança jurídica deva ser garantida. Os processos judiciais vêm se tornando uma realidade considerável nos tribunais, alcançando até as instâncias superiores e provocando a manifestação do Supremo Tribunal Federal no RE 888.815.

Na pesquisa realizada por Kloh:

Apurou-se, a partir do acompanhamento da tramitação e do julgamento do processo judicial que resultou no Recurso Extraordinário 888.815/RS, levado à apreciação do Supremo Tribunal Federal, que o grande óbice existente consiste na incerteza quanto à responsabilidade pela regulamentação da educação domiciliar no Brasil. Essa incerteza é alimentada, atualmente, pela inércia (ou morosidade) do Congresso Nacional que posterga a análise e a finalização da votação de vários projetos de lei que se dedicam à questão. Diante dessa indefinição do Legislativo nacional, o Poder Judiciário vem sendo provocado a manifestar-se nos casos concretos e, na maior parte das decisões, sem relativizar a frequência obrigatória à escola, tem adotado entendimento que na prática atribui a pecha de “criminosos” aos pais que optam por cumprir o direito/dever à educação dos filhos por meio da modalidade de educação domiciliar. (KLOH, 2020).

Tal busca para se praticar o *homeschooling* e a demora que há para que isso de fato aconteça expõem algumas questões: a existência de tensões entre aqueles que a Carta Magna brasileira considera os detentores da educação das crianças e jovens, ou seja o Estado e a família; a tendência de uma educação dependente do Estado; e uma cultura escolar fortemente enraizada na sociedade brasileira e resistente a mudanças.

Com relação ao Estado ter maior ou menos poder sobre os indivíduos, o *homeschooling* é visto com maior naturalidade em países de forte matriz liberal, como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, Canadá, Nova Zelândia, Austrália.

A educação domiciliar transita na zona de tensão entre essas duas instituições legítimas e ordenadas juridicamente. Enfrentam-se principalmente quando o Estado brasileiro enfatiza a matrícula obrigatória na escola, ou seja, o único local onde Estado e família devem educar seus filhos é na escola. Observa-se que nos debates pelo reconhecimento da educação domiciliar no Brasil, nem Estado nem família questiona a autoridade da outra, mas sim quando e onde se deve- estabelecer os limites do poder de cada uma.

Sendo assim, educação domiciliar continua em busca da aceitação de seu pensamento minoritário. Em maio de 2022 a Câmara dos Deputados aprovou o texto-base do Projeto de Lei 3179/12 que regulamenta a prática de educação domiciliar no Brasil.

De acordo com o substitutivo aprovado, da Deputada Luisa Canziani (PSD-PR), para desfrutar da educação domiciliar o estudante precisa estar matriculado em instituição de ensino que deverá acompanhar a evolução do aprendizado.

Para as famílias com crianças em idade pré-escolar os requisitos para a prática da educação domiciliar requer matricular numa instituição de ensino que será responsável por avaliar o desenvolvimento do aprendizado, pelo menos um dos pais deverá ter escolaridade de nível superior ou educação profissional tecnológica em curso reconhecido e terá direito nos dois primeiros anos a transição da escolaridade. A comprovação dessa formação deve ser apresentada perante a escola no momento da matrícula, quando também ambos os pais deverão apresentar certidões criminais das justiças federal e estadual ou distrital.

Estão proibidos de optarem pela educação domiciliar os responsáveis que apresentarem condenação ou cumprimento de pena por crimes previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90); na Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06); no

Código Penal quando suscetíveis de internação psiquiátrica; na Lei de Crimes Hediondos (Lei 8.072/90) e na lei de crimes relacionados a drogas (Lei 11.343/06).

Quanto às avaliações para certificar a aprendizagem, o substitutivo remete sua realização à escola na qual o estudante está matriculado. Para a educação pré-escolar, será realizada uma avaliação anual qualitativa e cumulativa dos relatórios trimestrais que os pais devem enviar. Nos ensinos fundamental e médio, além desses relatórios, deverá haver avaliação anual com base no conteúdo curricular admitindo a possibilidade de avanço nos cursos e nas séries, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN). Se o desempenho do estudante nessa avaliação anual for considerado insatisfatório, uma nova avaliação, em caráter de recuperação, será oferecida no mesmo ano. Quanto à avaliação para o estudante com deficiência ou transtorno global de desenvolvimento, ela será adaptada à sua condição.

Para garantir o aprendizado na educação domiciliar, os pais deverão cumprir os conteúdos curriculares de cada ano escolar do estudante de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, admitida a inclusão de conteúdos curriculares adicionais. Os responsáveis terão de garantir a convivência familiar e comunitária do estudante e a realização de atividades pedagógicas para promover a formação integral do estudante, contemplando seu desenvolvimento intelectual, emocional, físico, social e cultural. Nesse sentido, terão de manter registro periódico das atividades pedagógicas realizadas e enviar relatórios trimestrais dessas atividades à escola na qual está matriculado. Quando a escola for selecionada para participar de exames do sistema nacional, estadual ou municipal de avaliação da educação básica, o estudante de educação domiciliar deverá também participar dessas avaliações anuais de aprendizagem.

As escolas devem manter o cadastro desses estudantes, repassando essa informação anualmente ao órgão competente do sistema de ensino, e deverá ainda acompanhar o desenvolvimento do estudante por meio de docente tutor da instituição de ensino, inclusive com encontros semestrais com os pais ou responsáveis, com o educando e, se for o caso, com o preceptor.

No caso de estudante com deficiência ou transtorno global de desenvolvimento, equipe multiprofissional e interdisciplinar da rede ou da instituição de ensino em que ele estiver matriculado deverá fazer uma avaliação semestral de seu progresso. Apesar de poderem receber educação domiciliar, estudantes com direito à educação especial também deverão ter acesso igualitário a salas de atendimento educacional especializado e a outros recursos de educação especial.

O texto também garante isonomia de direitos e proíbe qualquer espécie de discriminação entre crianças e adolescentes que recebam educação escolar e educação domiciliar, inclusive quanto à participação em concursos, competições, eventos pedagógicos, esportivos e culturais.

Os pais ou os responsáveis legais perderão o direito de optar pela educação domiciliar se forem condenados pelos crimes tipificados nas leis citadas; quando a criança, na educação pré-escolar, mostrar insuficiência de progresso em avaliação anual qualitativa em dois anos consecutivos; se o estudante do ensino fundamental ou médio for reprovado em dois anos consecutivos ou em três anos não consecutivos ou se não comparecer a elas sem justificativa; ou se o estudante com deficiência ou transtorno global do desenvolvimento, de acordo com suas potencialidades, obtiver insuficiência de progresso em avaliação semestral por duas vezes consecutivas ou três vezes não consecutivas. Nos termos da legislação, o Conselho Tutelar deverá fiscalizar a educação domiciliar. No anexo desta dissertação o substitutivo estará documentado na íntegra.

No que abrange a modalidade de creche parental, que compreende crianças com faixa etária de 0 a 3 anos, nada consta no projeto, visto que nesta fase a matrícula nas escolas não é obrigatória. Entretanto referente à pré-escola que compete a crianças de 4 a 5 anos e 11 meses em que neste caso a matrícula já é obrigatória, o texto diz que não há impeditivos para a opção de educação domiciliar na educação infantil principalmente por ser uma idade aonde a criança é mais próxima do ambiente familiar.

Assim, o texto aprovado não menciona a fase de creche, mantendo-a no mesmo lugar quanto à regulamentação e autorização. As famílias seguem livre de optarem por matricularem ou não seus filhos na creche, ou criar sua própria creche parental se esta for uma opção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a experiência de realizar uma creche parental foi desafiadora por não haver nenhuma diretriz para ser seguida, a regra era constantemente criada e deliberada pelas famílias junto comigo. O que eu esperava dessa experiência era educar aqueles bebês que se tornaram crianças pequenas, com cuidado, respeito, escuta, liberdade, calma e utopia, me aproximar das famílias fazendo uma educação transparente e educando também os responsáveis sobre cada fase de desenvolvimento de seus filhos e as potências de aprendizagens que as crianças podiam alcançar diante da oferta de livros, liberdade de tempo, arte, brincadeiras, demonstrando a força da pedagogia e a importância do pedagogo.

A insatisfação que eu vinha acumulando ao longo dos meus anos como professora da educação infantil das escolas privadas que atuei era enorme, eu estava inquieta e queria colocar em prática o que acreditava ser o ideal de educação, ambiente, experiência, crença, prática com responsabilidade. Eu era uma pedagoga de formação, pós-graduada em educação especial inclusiva e em Arte-educação, frequentadora de diferentes cursos livres de educação alternativa, cuidados com crianças pequenas, educação parental, e uma estudiosa, curiosa, corajosa que não tinha nada a perder e queria tentar um trabalho pedagógico diferente. Como diz Camargo; Rosa (2020)

Na mediação do professor, as experiências dos alunos passam a ter um sentido alargado, um processo de apropriação do conhecimento que ressignifica tanto os objetos, antes conhecidos apenas em suas aparências fenomênicas ou, ainda, como uma abstração como um nome sem qualquer ser ou correlação imediata. O trabalho pedagógico é, portanto, entre outros aspectos, um trabalho de mediação sujeito-objeto e sujeito-sujeito. (CAMARGO; ROSA, 2020)

O encontro com as famílias foi numa circunstância em que o que eles procuravam eu podia oferecer, eu compreendia a educação, a divisão do tempo que organiza o cotidiano escolar, conhecia o desenvolvimento infantil e era uma pesquisadora de educação alternativa e contemporânea além de pedagoga formada com experiência docente em escola.

Quando criamos a creche parental *Quintal* eu só pensava em oferecer a melhor experiência educacional, adaptando o ambiente, olhando nos olhos das crianças, e explicando cada movimento para as famílias.

Inegavelmente a creche parental *Quintal* foi criada, funcionou e durou quatro anos apoiada na conversa, no diálogo, no respeito, na troca de informações e na construção de cada passo dado. Para além de todo o movimento que a educação domiciliar possui e de todo o debate em torno da sua regulamentação no Brasil, quando realizei e fui pedagoga da creche parental eu só pensava no micromovimento educacional que eu estava fazendo ao transgredir e fazer “escola” nas casas, nas praças, nos parques, criando novas possibilidades de educar. De acordo com Pimenta(1999), os professores desenvolvem saberes próprios.

Os saberes da experiência (relacionados ao dia-a-dia em sala de aula), os saberes do conhecimento e os saberes pedagógicos. Assim, os educadores precisam usar todos esses saberes para terem condições de refletir sobre a prática, pois é a partir da problematização e da experimentação metodológica que as possíveis situações desafiadoras, inerentes ao processo de ensino e de aprendizagem, podem ser analisadas e equacionadas. (PIMENTA, 1999)

A dinâmica, a essência e o compromisso que eu tinha para com os meus educandos sempre foram os mesmos que eu tive com os meus alunos da escola, no dia-a-dia a relação professor-aluno era igual. Somente com o passar do tempo identifiquei e compreendi que o trabalho que estava sendo realizado era o homeschooling numa nova modalidade, no modelo de creche parental, por atender a faixa etária de crianças que frequentam a creche - entre 8 meses e 3 anos - e fiquei intensamente motivada a pesquisar e narrar essa experiência.

Dos muitos desafios que tornam a prática complexa, tem-se a falta de diretrizes e o relacionamento entre educador e famílias, na medida em que o educador é a representação da escola como um todo. A ausência de pares torna o trabalho isolado, único e individual, não existe um grupo de educadores de educação domiciliar, ou de creche parental, os professores que eu conhecia eram todos de escolas públicas ou privadas. Outro desafio é a informalidade do trabalho, não há contrato com carteira assinada, a única formalização possível é de um contrato de microempreendedor individual como professor particular.

Para cada desafio, uma perspectiva pode ser criada. Com a regulamentação, diretrizes para a criação e manutenção de uma creche parental podem ser desenvolvidas,

e um novo campo de atuação docente, com direitos e formalização trabalhistas, também. Com professores atuando neste novo campo, grupos de apoios podem ser inventados.

O movimento de educação domiciliar cresce e as novas modalidades também, e isso não anula a existência da instituição escolar, tão importante e antiga, mas, sim convida a repensar como ela está atualmente, porque as pessoas estão optando por não estarem na escola e o que pode ser feito para fiscalizar, orientar e regularizar essas opções. A escola existe e foi inventada refletindo o tempo de então, mas o tempo passa, as crianças mudam, as infâncias transformam-se e ela pode e deve acompanhar o desenvolvimento da civilização e da sociedade contemporânea, que espera que a instituição escolar seja de uma outra maneira, que mantenha seus pilares de ambiente de proteção da criança e de espaço para socializar, crescer, aprender, trocar experiências e conviver com multiplicidades e diversidade.

As crianças que participaram da creche parental *Quintal* e viveram sua primeira infância nessa experiência educacional domiciliar desenvolveram-se plenamente, atendendo todas as demandas cognitivas, emocionais, motoras e psicológicas correspondentes à sua idade. Atualmente frequentam as escolas sem dificuldades, convivendo bem com seus pares e adaptando-se a esse ambiente. Por isso, com base na experiência da creche parental *Quintal*, posso afirmar que essa opção de educação domiciliar foi válida para as crianças e para as famílias.

Essa dissertação visa contribuir com o debate de que iniciativas inovadoras a partir do homeschooling que estão surgindo e salienta a importância de se olhar para esse movimento, a fim de assegurar que esse modelo de educação seja eficiente e de qualidade, garantindo a educação das crianças e o direito à sua supervisão pelas famílias que optam por educar os filhos em casa. O tema gera dúvidas e opiniões contra e a favor, contudo está acontecendo e somente com pesquisas, estudos e exposições de experiências, como essa da creche parental *Quintal*, é possível avaliar, pesquisar, debater, deliberar e escolher.

REFERÊNCIAS

ALE, Asociación para La libre Educación. **Educar em casa, día a día**. Espanha: OB STARE, 2009.

ANDRADE, Edison Prado de. **A educação familiar desescolarizada como um direito da criança e do adolescente: relevância, limites e possibilidades na ampliação do direito à educação**. 403f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2014.

ANDRADE, Giulia de Rossi. **HOMESCHOOLING: constitucionalidade e intervenção estatal na educação domiciliar**. 180 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Pontífca Universidade Católica do Paraná, 2021.

BARBOSA, L. M. R. **Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?** 2013. 350 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BARBOSA, L. M. R.; OLIVEIRA, R. L. P de. Apresentação do Dossiê: Homeschooling e o Direito à Educação. **Pro-posições**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 15-20, ago. 2017.

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?** 351f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. São Paulo: Zahar, 2001.

BOTO, C. **Homeschooling: a prática de educar em casa**. Jornal da USP, São Paulo, 16 mar. 2018. Disponível em: <http://jornal.usp.br/artigos/homeschooling-a-pratica-de-educar-em-casa/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. *Projeto de Lei 2401 do Poder Executivo*, Texto original, 2019. Disponível em: https://www.camara.leg.br/porposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1036966, acesso em 28 jul. 2022.

BRASIL. *Parecer às emendas de Plenário ao Projeto de Lei N°3.179, de 2012*. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=node01hu291z9s7by4ogfjx6ydl6cs22437139.node0?codteor=2173116&filename=Parecer-CEURG-18-05-2022, acesso em 18 mai. 2022.

CARDOSO, Victor Hugo Fernandes. **As representações sociais do homeschooling entre adeptos**. 163 f. (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CARPEGIANI, Fernanda. Creche parental: como as famílias se organizam para cuidar das crianças. **Revista Crescer**: São Paulo, 13 jun. 2017. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Rotina/noticia/2017/06/creche-parental-como-familias-se-organizam-para-cuidar-das-criancas.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CARVALHO, Adalberto. Homeschooling e controvérsias: da identidade à pluralidade - o drama da socialização. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, 2020.

CHAMUSCA, Caroline Montezi de Castro. **Um estudo sobre os coletivos parentais do Rio de Janeiro**. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

CUNHA, Maria Teresa Santos. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital. **História da educação**, Santa Maria, v. 21, p. 187-206, 2017.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação escolar e educação no lar: espaços de uma polêmica. **Educ. Soc.** 2006, v. 27, n.96, p.667-688.

DIOGO, Ana Matias. **Investimento das Famílias na Escola. Dinâmicas Familiares e Contexto Escolar Local**. Lisboa: Celta Editora, 2008.

ESTELLE, Marta, FISHMAN, Gustavo E. Imaginando uma Educação para a Cidadania Global pós-Covid-19. **Práxis Educativa**: Ponta Grossa, v. 15, p. 1-14, 2020.

FREIRE, Madalena. **Educador**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. 5. ed. São Paulo: Olho d'água, 1994.

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

JARDIM, Juliana Gomes. O uso da etnografia na pesquisa em educação. In: CONGRESSO NACIONAL DA EDUCAÇÃO, 11., 2013. **Anais ...[...]** Curitiba: PUC, 2013.

KLOH, F. F. P. **Homeschooling no Brasil**: a legislação, os projetos de lei e as decisões judiciais. 2014. 224f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2014.

KLOH, F. F. P. **De Canela a Brasília**: nas vozes de um processo, a Educação Domiciliar chegou à Suprema Corte brasileira. 2020. 135f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Belo horizonte: Autêntica, 2017.

LEITE, Letícia Sepulveda Teixeira. **Cuidados coletivos de crianças: uma família de famílias**. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2018.

LIMA, Ismael de. **Teias de aprendizagem: uma proposta de ensino com recursos educacionais abertos baseada na perspectiva de Ivan Illich**. 130 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LORETI, Gabriela Braga. **Mamãe é a melhor professora!: uma etnografia junto a três famílias que educam suas crianças fora da escola**. 2019. 162f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

MANSOUR, S. Modalidades de Atendimento Educacional na França. *Rev. Bras. Cresc. Des. Hum.*, São Paulo, 111v. n.1, 1993.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MENDONÇA, A. W. P. C.; VASCONCELOS, M. C.C. A gênese do conceito de educação pública. In: RAMOS, L. (org.). **Igreja, Estado e Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Virtual, 2005. p. 9-27.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (org.) **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. São Paulo: Cortez Editora, 2012 p. 15-34.

ROSA, Ana Claudia Ferreira; CAMARGO, Arlete Maria Monte de. Homeschooling: o reverso da escolarização e da profissionalização docente no Brasil. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-21, 2020.

SACCHETTO, Debora Duarte. **HOMESCHOOLING: UMA ALTERNATIVA PARA A EFETIVAÇÃO DO DIREITO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO**. 112 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SALGADO, Gabriele Nigra. **Educação "alternativa": do discurso a imagem**. 297 f. Tese (doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

SANTOS, Aline Lyra. **Educação Domiciliar ou “lugar de criança é na escola”? Uma análise sobre a proposta de homeschooling no Brasil**. 2019.a 255 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.b

SAVATER, Fernando. **El valor de educar**. Espanha: Ariel, 1997.

SILVA, Vania M. de C. **A Educação Domiciliar Brasileira (Homeschooling) Pede Passagem**. Rio de Janeiro: CRV, 2021.

SOUZA, Tiago Augusto Xavier de. **Infância na casa oitocentista brasileira: registros de rituais de morte de “anjos”**. 72 f. 2020. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n.3, p.443-466, 2005. Disponível em:
<http://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>.

VASCONCELOS, M. C. C. **A casa e seus mestres: a educação no Brasil de Oitocentos**. Rio de Janeiro: Griphus, 2004.

VASCONCELOS, M. C. C. A educação doméstica no Brasil de oitocentos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.28, n. 14, p. 24-41, 2007.

VASCONCELOS, M. C. C. Preceptoras estrangeiras para educar meninas nas casas brasileiras do século XIX. **Cadernos de História da Educação**, São Paulo, v.17, p. 285-308, 2018. Disponível em:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43282/22588>. Acesso em: 18 abr. 2021.

VASCONCELOS, M. C. C.; BOTO, C. A educação domiciliar como alternativa a ser interrogada: problema e propostas. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-21, 2020.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves (org.). **Educação domiciliar no Brasil mo(vi)mento em debate**. São Paulo: Editora CRV, 2020.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres: a educação doméstica como uma prática das elites no Brasil de Oitocentos**. 250f. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2012.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; BOTO, Carlota. A educação domiciliar como alternativa a ser interrogada: problema e propostas. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-21, 2020.

WISE, Jessie. WISE, Susan. **A mente bem treinada: um guia para a educação clássica em casa**. Curitiba, PR: klasiká Liber, 2019.

ZAMBONI, Fausto. **A opção pelo homeschooling**. Paraná: Editora Kírion, 2020.

APÊNDICE A - Diário de campo

Diário de campo: *Quintal da Mata*

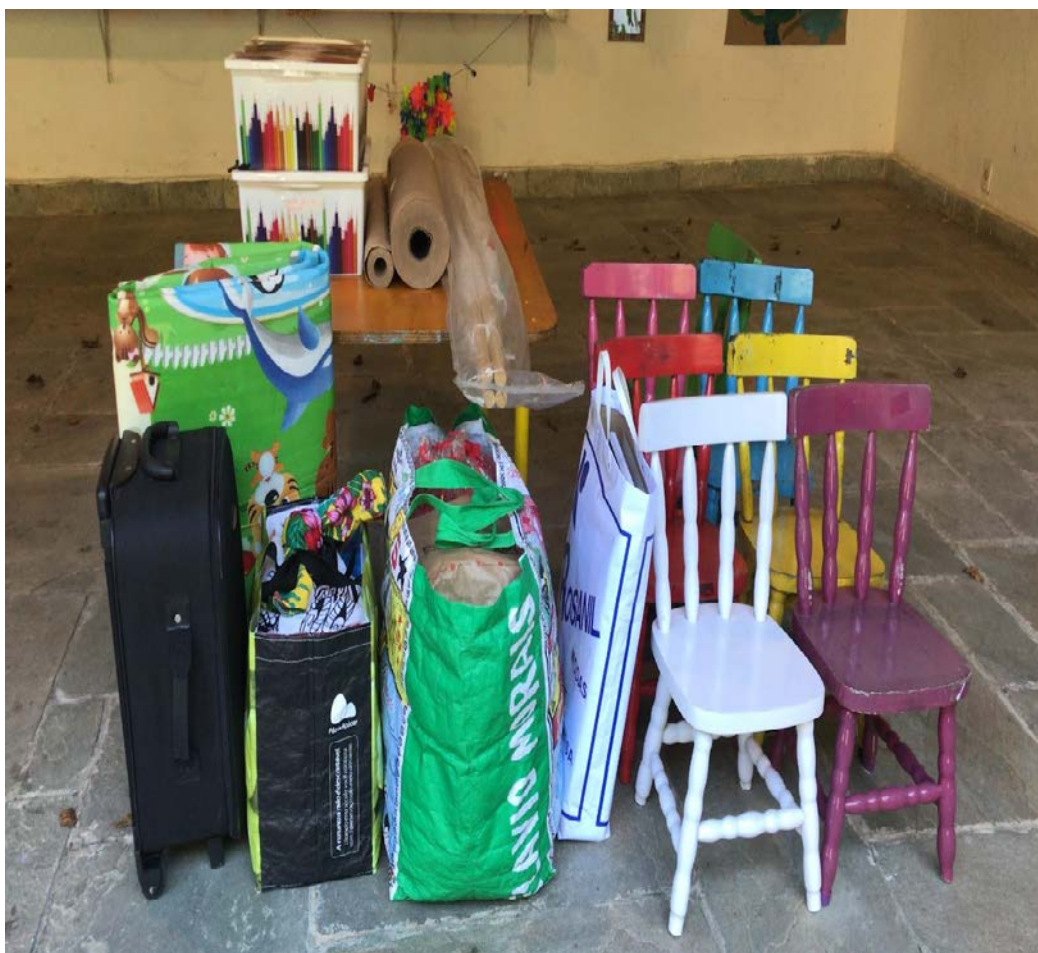
Recorte temporal: de 26 de maio de 2020 a 10 de julho de 2020

Pedagoga responsável: Camila Queli Silva de Vasconcellos

- Gávea, 26/05/2020

Estou na creche, na casa que nos encontramos diariamente para fazer a creche parental, que está fechada desde o dia 16/03/2020 quando foi decretado o lockdown no Rio de Janeiro. Vim separar os materiais mais importantes para realizarmos a creche no sítio de uma das famílias na serra de Petrópolis. Separei o essencial para montar um salão com a estrutura de creche para as crianças.

Materiais para creche parental na serra de Secretário, Petrópolis-RJ.



Descrição de materiais selecionados:

Mesa

Cadeiras (7 un)
6 cadernos A3
Tinta guache (cores diversas)
Cola colorida
Cola branca
Pincéis
Carimbos
Lápis aquarela
Canetinha ponta grossa
Canetinha ponta fina
Massinha
Cortadores e tesoura de massinha
Bubina de papel craft
Giz de quadro
Potinhos
Giz de cera pastel
Fitas durex e crepe
Tecidos: tule, voal, coloridos, feltro, chita
Bonecos de pano
Bolinhas
Cabana
Livros
Luzes pisca-pisca
Tapetes
Estalinho
Bolinha de sabão
Fitas de cetim

Quem tem a educação dentro de si faz escola em qualquer lugar.

E assim comecei meu projeto de dois meses (a princípio) no campo, o Quintal da mata.

- Petrópolis, 8/06/2020: Primeiro dia de Quintal da Mata



Pavilhão- espaço interno com uma copa e sala de aula

O pavilhão é a nossa sala de aula, o ambiente é em formato de retângulo com uma varanda ao ar livre, em frente a uma piscina de água natural. O que divide a sala da varanda é uma grande porta de vidro, e dentro da sala tem uma copa com pia, geladeira e micro-ondas, e há uma escada que leva a um lavabo.

Na sala, organizei os materiais em cantinhos, proporcionando ambientes de aprendizagens: canto dos livros, canto dos bonecos e tecidos, canto dos jogos e lego, canto dos objetos sensoriais, mesa no centro para propostas pedagógicas e hora do almoço. Esse ambiente é organizado desta maneira para que as crianças tenham acesso aos materiais, brincando e se movimentando livremente.

O almoço e o lanche acontecem durante a creche, o horário combinado com as famílias é de 10:00 às 16:00 horas. Para o almoço: Cada família traz um alimento e o almoço é esquentado no micro-ondas e oferecido às 12:00 horas. Disponho os alimentos em travessas nas mesas para as crianças se servirem e desenvolverem essa potência.

Para o lanche: cada família traz uma fruta compondo o lanche coletivo oferecido às 14:30 horas.

- Petrópolis, 9/06/2020



Mesa de entrada : massinha de modelar e brinquedos.

As propostas são convites para a liberdade de expressão, e materiais artísticos são dispostos, além da liberdade de tempo. As crianças estão deixando suas marcas no mundo enquanto criam em seus cadernos. Depois de serem recebidas na sala, saímos para o pátio. No pátio as propostas são diversas, desenho no chão com giz de cera (amarelinha e coelho sai da toca), faz de conta com bonecas e exploração da natureza.



Explorando a seiva da árvore

O contato com a natureza e a exploração junto com a observação livre permite que as crianças brinquem e aprendam no mesmo fluxo.

Na hora do lanche, pegamos uma melancia inteira, abrimos e fizemos um suco. A calma da vida no tempo da natureza, em um contexto sem trânsito, com o mundo parado por causa de um vírus, praticamente nos obriga a viver de outra forma, em outro ritmo. Esses dias no meio do sítio estão mudando nosso olhar, nosso conceito de rotina.



Crianças bebendo o suco que ajudaram a preparar

Os passeios pelo sítio fazem parte da nossa rotina, saímos para caminhar, olhar, observar, interagir com o meio, livremente.



Criando barquinho de folha da árvore para soltar no riacho.

O momento que estamos vivendo é muito extraordinário, e nossas relações estão se estreitando como companheiros do ‘fim do mundo’. As crianças olham para nós com fraternidade e compreendem que estamos longe das nossas famílias e trabalhando na creche, com elas e por elas. Isso é novo para mim.

Vivemos momentos de muita tranquilidade, parece que nosso ritmo foi literalmente freado, não temos pressa, vivemos o momento.



Piquenique após passeio e brincadeiras na cachoeira e no riacho.

- Petrópolis, 10/06/2020

No dia de hoje as crianças produziram muita arte, confeccionaram bandeirinhas para a festa junina. Faremos fogueira, aqui está muito frio e uma proposta com fogo trará acolhimento.

No jardim teve pintura livre com o dedo e cola colorida, passeio nas cachoeiras e no bosque. Também subimos até a agrofloresta para colher grãos de café.



Passeio até a agrofloresta para colher café.

- Petrópolis, 11/06/2020

No pavilhão está baseada a creche, e está localizado em frente a uma piscina de água natural. A água é muito fria, esperamos um dia de sol mais quente para mergulhar.



Pavilhão visto de longe.

Encerra nossa primeira semana de aula na creche parental Quintal da Mata.

- **Petrópolis, 15/6/2020:** Início da segunda semana de aula

Mesa de entrada: pintura com aquarela, contexto de exploração livre.

Desenho de corpo todo, proposta criar uma boneca e realizar o esquema corporal.

Após o almoço banho de sol no jardim da piscina natural.



- Petrópolis, 16/6/2020



mesa de entrada: massinha de modelar e cortadores.

As crianças perguntam diariamente sobre como está a cidade, o que as pessoas tem feito, e falam de seus saudosismos como ir a pracinhas, saudade do próprio quarto, fazer natação. Nós adultas também compartilhamos nossas saudades, não tem muito o que ser feito. Depois da conversa buscamos nos divertir em alguma brincadeira.

- Petrópolis, 17/06/2020

Hoje começamos o dia passeando, a ideia era trocar a ordem da rotina para trazer o diferente em meio ao silêncio de estar num sítio. O sítio tem vida própria, colheita, plantação, pessoas trabalhando, a diferença é no que as pessoas trabalham e também como se locomovem, tudo é feito a pé.



Passeio à agrofloresta, seguindo a trilha.

Nesses passeios os responsáveis são convidados a participarem e ajudarem no deslocamento das crianças.



Colhendo brócolis para cozinhar para o almoço, descobrindo de onde vem o alimento.

- Petrópolis, 22/6/2020: início da terceira semana de aula

Por aqui estamos dando continuidade ao nosso caderno de processos, cada criança tem o seu. Todo dia uma proposta artística é oferecida para as crianças criarem livremente. Hoje foi o dia de passear, escolher elementos da natureza e realizar uma colagem.



Proposta selecionar elementos da natureza e colar.

- Petrópolis, 23/6/2020

Hoje o sol veio mais quente, um alívio para quem fica no meio da floresta e perto da água. Levamos as bonecas para brincarem e também tiramos as meias.



Brincadeira de boneca na varanda durante o sol

- Petrópolis, 24/06/2020

O sol segue esquentando nossos dias nessa semana, com isso nossas brincadeiras podem envolver água. Apesar de muito gelada, tem o sol para ajudar.

Brincar com água dissolve as emoções e acalma, crianças e adultos. Estamos vivendo novas experiências no sítio, antes estávamos só na terra, agora estamos entrando na água também. Com isso misturas de terra, areia, água, brincadeiras de comidinha e de soltar barquinhos de folha são nossa nova rotina.



Brincadeira de jogar folhas na cachoeira.

No almoço coletivo hoje teve arroz, feijão, beterraba, cenoura, inhame e suflê de chuchu.

- Petrópolis, 25/6/2020

Véspera da festa junina e da visita de dois amigos. Nos preparativos para a festa o convite de pintar um painel surgiu. Optaram por iniciarem a pintura sentadas, escolhendo suas cores e com a orientação de lavar o pincel a cada troca de cor.

Em seguida trocaram de lado e pintaram em pé. Nesse momento pediram para misturar as cores e ofereci todas as cores nas tampas. Criaram.

Expressaram-se livremente com autonomia, criatividade, concentração e cantoria.

Em seguida cada uma foi acabando de pintar no seu tempo, lavou as mãos e foram brincar de pique pega.

M. pintou até o final, me ajudou com as tintas e conversamos.

T. descobriu a mistura dos elementos: água e terra e experimentou a lama.

Sentiu, espalhou, brincou, falou, contornou.

Depois realizaram desenho com giz.



Mesa de desenho espontâneo com giz de cera pastel.

- Petrópolis, 27/6/2020: Festa junina



Ajuda das famílias na arrumação da festa junina.



Crianças observando a fogueira



Fogueira

A festa junina foi feita a pedido das crianças. Realizamos no sábado, teve comidas típicas, fogueira, brincadeiras, estalinho e música ao redor do fogo. Uma celebração alegre.

- Petrópolis, 29/6/2020



Leitura coletiva



Bebê interagindo com o barro



Cantinho das bonecas, brincar com a introspecção, com o espaço interno, com o que se sente e vive no cotidiano.

- Petrópolis, 2/7/2020

Embora seja inverno, o sol tem nos presenteado com calor, e os momentos na água estão encantando as crianças, que observam girinos, pedras, plantas.





Passeio até a cachoeira

- Petrópolis, 6/7/2020



Passeio da manhã: ida à cachoeira, encontrar elementos e jogar no lago.



Na mesa: proposta colagem de formas

Os passeios estão sendo feitos de manhã e a tarde. Na parte da manhã o sol permite que as crianças brinquem com água, na parte da tarde optamos por brincadeiras na terra e no bosque.

As crianças estão cada vez mais apropriadas do espaço rural, das trilhas, das subidas, das longas caminhadas. A adaptação é impressionante. Enquanto professora deles, desde os oito meses de idade, consigo observar os progressos e conquistas que um ambiente mais natural proporcionou para as crianças. Muitos momentos estão sendo vividos aqui no sítio, com certeza será uma experiência que marcará todos nós.

- Petrópolis, 8/7/2020



Saída para o passeio da manhã



Brincando na quadra



Descobrimo a luz e a sombra.



Colagem livre com elementos da natureza.

ANEXO A - Parecer às emendas de Plenário ao Projeto de Lei 3.179 da relatora Deputada Luisa Canziani.

PARECER ÀS EMENDAS DE PLENÁRIO AO PROJETO DE LEI Nº 3.179, DE 2012

PROJETO DE LEI Nº 3.179, DE 2012

(Apensados: PL nº 3.261/2015, PL nº 10.185/2018, nº 2.401/2019, PL nº 3.159/2019, PL nº 5.852/2019 e PL nº 6.188/2019)

Acrescenta parágrafo ao art. 23 da Lei nº 9.394, de 1996, de diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a possibilidade de oferta domiciliar da educação básica.

Autor: Deputado LINCOLN PORTELA

Relatora: Deputada LUISA CANZIANI

I – RELATÓRIO

A emenda de Plenário nº 1 pretende alterar o inciso II do § 3º do art. 23, inserido na Lei nº 9.394, de 1996, para retirar a obrigatoriedade de que a instituição de ensino, além de credenciada pelo órgão competente pelo sistema de ensino, seja por este autorizada a dar atendimento aos estudantes em educação domiciliar.

A emenda de Plenário nº 2 pretende alterar o requisito de escolaridade mínima dos pais ou responsáveis que pretendam optar pela educação domiciliar: do nível superior para o nível médio, bem como suprime o dispositivo que trata do período concedido para que os pais ou responsáveis alcancem o nível superior.

A emenda de Plenário nº 3 propõe a substituição do texto do “caput” do § 5º do art. 23, inserido na Lei nº 9.394, de 1996, e suprime dispositivos, com objetivo de alterar as condições segundo as quais os pais ou responsáveis podem perder o direito à opção pela educação domiciliar.

A emenda de Plenário nº 4 pretende alterar o requisito de escolaridade mínima dos pais ou responsáveis que pretendam optar pela



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>

Apresentação: 18/05/2022 20:37 - PLEN
PRLE 1 => PL 3179/2012
PRLE n.1



educação domiciliar, admitindo a formação de nível médio quando se tratar da educação infantil e do ensino fundamental do educando.

A emenda de Plenário nº 5 pretende inserir dispositivo para que a modalidade de educação domiciliar seja revista em cinco anos, à luz de dados da aprendizagem dos alunos e de violação dos direitos das crianças e dos adolescentes.

A emenda de Plenário nº 6 pretende assegurar que, além de credenciadas pelo órgão competente do sistema de ensino, as escolas sejam por este autorizadas a responder pelas responsabilidades institucionais relativas à educação domiciliar.

A emenda de Plenário nº 7 pretende suprimir, das condições em que os pais ou responsáveis podem perder o direito à educação domiciliar, aquelas relativas a insuficiência na aprendizagem dos estudantes.

A emenda de Plenário nº 8 pretende acrescentar parágrafo único ao art. 246 do Código Penal de modo a evidenciar que os pais ou responsáveis optantes pela educação domiciliar não incorrem em crime de abandono intelectual de seus filhos ou dependentes.

As emendas de Plenário nº 9 e nº 11 pretendem excluir a educação infantil da opção pela educação domiciliar e introduzir exigência de laudo médico e psicopedagógico para os demais níveis de ensino.

A emenda de Plenário nº 10 pretende excluir a educação infantil da opção pela educação domiciliar.

A emenda de Plenário nº 12 suprime, da comprovação de escolaridade dos pais e responsáveis, a educação profissional e tecnológica, mantendo apenas a educação superior.

A emenda de Plenário nº 13 altera, de semestral para trimestral, a periodicidade dos encontros das famílias e dos educandos em educação domiciliar com a escola responsável pelo seu acompanhamento.

A emenda de Plenário nº 14 altera, de semestral para trimestral, a periodicidade da avaliação de progresso dos educandos com deficiência e transtornos globais de desenvolvimento em educação domiciliar.



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>

Apresentação: 18/05/2022 20:37 - PLEN
PRLE1 => PL 3179/2012
PRLE n.1



A emenda de Plenário nº 15 determina que, para cumprimento do disposto no § 3º do art. 23, é obrigatório que os pais ou responsáveis tenham a formação determinada pelo art. 62 da LDB (licenciatura ou, no mínimo, para o magistério na educação infantil e ensino fundamental I, formação de normalista de nível técnico).

II - VOTO DA RELATORA

Reconhecendo a nobre intenção dos autores das emendas, cabe argumentar que:

No caso da emenda de Plenário nº 1, é preciso considerar que o objetivo do texto do Substitutivo é o de garantir o atendimento de qualidade aos educandos em educação domiciliar pelas escolas com a responsabilidade de realizar seu acompanhamento. Nem todas as escolas das redes de ensino estarão adequadamente preparadas para fazê-lo. Para além do credenciamento pelo órgão competente do sistema de ensino, é importante que esse órgão selecione e autorize aquelas escolas que poderão fornecer, com qualidade e equipes preparadas, esse adequado atendimento aos educandos em educação domiciliar.

No caso das emendas de Plenário nº 2 e 4, a escolaridade mínima de nível superior ou de educação profissional tecnológica, para os pais ou responsáveis ou ainda o preceptor, é garantia do melhor atendimento educacional aos educandos em educação domiciliar. O Substitutivo prevê um dilatado tempo para que esse requisito seja alcançado pelos interessados.

No caso da emenda de Plenário nº 3, o texto do Substitutivo oferece maior segurança para a garantia e preservação da integridade física, psicológica e educacional dos educandos.

A emenda nº 5, ao propor que a aplicação da educação domiciliar seja revista em cinco anos, traz insegurança jurídica para as famílias optantes e para os sistemas de ensino.



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>



Com relação à emenda de Plenário nº 6, parece suficiente que a escola seja credenciada pelo órgão competente do sistema de ensino, favorecendo maior capilaridade ao atendimento, na rede escolar, ao estudante em educação domiciliar.

No tocante à emenda de Plenário nº 7, a questão da insuficiência da aprendizagem, como condição para possível perda do direito dos pais ou responsáveis em darem continuidade à opção pela educação domiciliar, são suficientemente claras e têm o objetivo maior de garantir a formação intelectual dos educandos com qualidade.

A emenda de Plenário nº 8 tem o positivo objetivo de oferecer garantias aos pais ou responsáveis optantes pela educação domiciliar. Parece adequado acolher a proposta, com adaptação ao texto da Subemenda Substitutiva anexa.

No tocante às emendas de Plenário nº 9, 10 e 11 não parece adequado impedir a educação domiciliar para as crianças na fase da educação infantil, exatamente aquelas em faixa etária com relação ainda mais próxima do ambiente familiar.

A emenda de Plenário nº 12 retira alternativa de comprovação de escolaridade dos pais ou responsáveis, a educação profissional tecnológica, o que pode discriminar indevidamente um grande contingente de famílias envolvidas.

A emenda de Plenário nº 13, ao propor que os encontros de acompanhamento das famílias e dos educandos com a escola responsável sejam trimestrais e não semestrais, estabelece periodicidade curta, cuja necessidade não é evidente para um bom acompanhamento sem impor excessivo ônus de agenda aos envolvidos.

Para efeitos do acompanhamento, a periodicidade semestral de avaliação, para os educandos com deficiência e transtornos globais de desenvolvimento, não cabendo, pois, acatar sua redução, para trimestral, como propõe a emenda de Plenário nº 14.

A emenda de Plenário nº 15 exige dos pais ou responsáveis formação idêntica à dos professores que lecionam nas escolas de educação



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani

Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>



5

básica. Tendo em vista que a educação domiciliar é um continuum, no ambiente familiar, não cabe fazer distinção no nível de escolaridade a ser exigido do pais ou responsáveis ou do preceptor.

Tendo em vista o exposto, no âmbito da Comissão Especial, voto pela adequação orçamentária e financeira e pela constitucionalidade, juridicidade e boa técnica legislativa de todas as emendas de Plenário com apoio regimental e, no mérito, pela APROVAÇÃO da emenda de Plenário nº 8, na forma da Subemenda Substitutiva anexa, e pela REJEIÇÃO das demais emendas de Plenário com apoio regimental.

Sala das Sessões, em de de 2022.

Deputada LUISA CANZIANI
Relatora

2022



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>

Apresentação: 18/05/2022 20:37 - PLEN

PRLE 1 => PL 3179/2012

PRLE n.1



ANEXO B - Submenda Substitutiva ao substitutivo ao Projeto de Lei nº 3.179, de 2012 e seus apensados pela Relatora Deputada Luisa Canziani em Maio de 2022

PLENÁRIO

SUBEMENDA SUBSTITUTIVA AO SUBSTITUTIVO AO PROJETO DE LEI Nº 3.179, DE 2012 E SEUS APENSADOS

Altera a Lei nº 9.394, de 1996, de diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 8.069, de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente, para dispor sobre a possibilidade de oferta domiciliar da educação básica.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 1º

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve predominantemente em instituições próprias, admitida, na educação básica, a educação domiciliar.

§ 2º A educação escolar e domiciliar deverão vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

.....

Art. 5º

.....

III - zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola e, no caso do disposto no art. 23, § 3º, pelo adequado desenvolvimento da aprendizagem do estudante.

.....

Art. 23.....

.....



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>

Apresentação: 18/05/2022, 20:37 - PLEN
PRLE1 => PL 3179/2012

PRLE n.1



* CD 225728891500 *

§ 3º É admitida a educação básica domiciliar, por livre escolha e sob a responsabilidade dos pais ou responsáveis legais pelos estudantes, ressalvado o disposto no art. 81-A e observadas as seguintes disposições:

I – formalização de opção pela educação domiciliar, pelos pais ou responsáveis, junto à instituição de ensino referida no inciso II deste parágrafo, oportunidade em que deverão ser apresentadas:

a) comprovação de escolaridade de nível superior ou em educação profissional tecnológica, em curso reconhecido nos termos da legislação, por pelo menos um dos pais ou responsáveis legais pelo estudante ou por preceptor;

b) certidões criminais da Justiça Federal e Estadual ou Distrital dos pais ou responsáveis;

II – obrigatoriedade de matrícula anual do estudante em instituição de ensino credenciada pelo órgão competente do sistema de ensino, nos termos desta Lei;

III – manutenção de cadastro, pela instituição de ensino referida no inciso II deste parágrafo, dos estudantes em educação domiciliar nela matriculados, a ser anualmente informado e atualizado junto ao órgão competente do sistema de ensino.

IV – cumprimento dos conteúdos curriculares referentes ao ano escolar do estudante, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, admitida a inclusão de conteúdos curriculares adicionais pertinentes;

V – realização de atividades pedagógicas que promovam a formação integral do estudante, contemplando seu desenvolvimento intelectual, emocional, físico, social e cultural;

VI - manutenção, pelos pais ou responsáveis legais, de registro periódico das atividades pedagógicas realizadas e envio, à instituição de ensino em que o estudante estiver matriculado, de relatórios trimestrais dessas atividades;

VII – acompanhamento do desenvolvimento do estudante por docente tutor da instituição de ensino em que estiver matriculado, inclusive



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>

Apresentação: 18/05/2022, 20:37 - PLEN
PRLE1 => PL 3179/2012
PRLE n.1



mediante encontros semestrais com os pais ou responsáveis, o educando e, se for o caso, o preceptor ou preceptores;

VIII - realização de avaliações anuais de aprendizagem e participação do estudante, quando a instituição de ensino em que estiver matriculado for selecionada para participar, nos exames do sistema nacional de avaliação da educação básica e, quando houver, nos exames do sistema estadual ou sistema municipal de avaliação da educação básica;

IX – avaliação semestral do progresso do estudante com deficiência ou transtorno global de desenvolvimento, por equipe multiprofissional e interdisciplinar da rede ou da instituição de ensino em que estiver matriculado;

X – previsão de acompanhamento educacional, pelo órgão competente do sistema de ensino, e de fiscalização, pelo Conselho Tutelar, nos termos da legislação relativa aos direitos da criança e do adolescente;

XI – garantia, pelos pais ou responsáveis legais, da convivência familiar e comunitária do estudante;

XII – garantia de isonomia de direitos e vedação de qualquer espécie de discriminação entre crianças e adolescentes que recebam educação escolar e educação domiciliar, inclusive no que se refere à participação em concursos, competições, eventos pedagógicos, esportivos e culturais, bem como, no caso dos estudantes com direito à educação especial, acesso igualitário a salas de atendimento educacional especializado e outros recursos de educação especial;

XIII – promoção, pela instituição de ensino ou pela rede de ensino, de encontros semestrais das famílias optantes pela educação domiciliar, para intercâmbio e avaliação de experiências.

§ 4º O Conselho Nacional de Educação editará diretrizes nacionais e os sistemas de ensino adotarão providências que assegurem e viabilizem o exercício do direito de opção dos pais ou responsáveis legais pela educação domiciliar, bem como sua prática, nos termos desta Lei.



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>



§ 5º Os pais ou os responsáveis legais perderão o exercício do direito à opção pela educação domiciliar caso:

I – incorram no disposto no art. 81-A;

II – a avaliação anual qualitativa, na educação pré-escolar, prevista no inciso I do § 3º do art. 24, evidencie insuficiência de progresso do educando em dois anos consecutivos;

III – o estudante do ensino fundamental e médio seja reprovado, em dois anos consecutivos ou em três anos não consecutivos, na avaliação anual prevista nos §§ 3º e 5º do art. 24, ou a ela injustificadamente não compareça;

IV – a avaliação semestral referida no inciso IX do § 3º evidencie, por duas vezes consecutivas ou três vezes não consecutivas, insuficiência de progresso do estudante com deficiência ou transtorno global do desenvolvimento, de acordo com suas potencialidades.

Art. 24.....

.....

VI - o controle de frequência fica a cargo da escola, conforme o disposto no seu regimento e nas normas do respectivo sistema de ensino, exigida frequência mínima de setenta e cinco por cento do total de horas letivas para aprovação, ressalvado o disposto no § 3º do art. 23;

.....

§ 3º Para fins de certificação da aprendizagem, a avaliação do estudante em educação domiciliar, realizada pela instituição de ensino em que estiver matriculado, compreenderá:

I – na educação pré-escolar, avaliação anual qualitativa cumulativa dos relatórios trimestrais previstos no inciso VI do § 3º do art. 23;

II – no ensino fundamental e médio, além do disposto no inciso I deste parágrafo, a avaliação anual, tendo como base os conteúdos curriculares referidos referentes no inciso IV do § 3º do art. 23, admitida a



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>

Apresentação: 18/05/2022 20:37 - PLEN
PRLE1 => PL 3179/2012
PRLE n.1



* CD 225728891500 *

possibilidade de avanço nos cursos e nas séries, previsto na alínea "c" do inciso V do "caput" deste artigo.

§ 4º A avaliação referida no § 3º, para o estudante com deficiência ou transtorno global de desenvolvimento, será adaptada a sua condição.

§ 5º Na hipótese de o desempenho do estudante na avaliação anual de que trata o § 3º ser considerado insatisfatório, será oferecida uma nova avaliação, no mesmo ano, em caráter de recuperação.

.....
Art. 31.....

.....
IV - controle de frequência pela instituição de educação pré-escolar, exigida a frequência mínima de 60% (sessenta por cento) do total de horas, ressalvado o disposto no § 3º do art. 23;

.....
Art. 32.....

.....
§ 4º O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais e ressalvado o disposto no § 3º do art. 23.

.....
Art. 81-A. É vedada a opção pela educação domiciliar, prevista no § 3º do art. 23, nas hipóteses em que o responsável legal direto for condenado ou estiver cumprindo pena pelos crimes previstos:

I - na Lei nº 8.069, de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente;

II - na Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006;

III - no Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal;



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>

Apresentação: 18/05/2022 20:37 - PLEN
PRLE 1 => PL 3179/2012
PRLE n.1



IV - na Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006;

V - na Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990.

.....

Art. 89-A. Para o cumprimento do disposto na alínea "a" do inciso I do § 3º do art. 23 pelos pais ou responsáveis que formalizarem a opção pela educação domiciliar nos dois primeiros anos de vigência desse artigo, será admitido período de transição, nos seguintes termos:

I – comprovação, ao longo do ano da formalização da opção pela educação domiciliar, de que pelo menos um dos pais ou responsáveis legais esteja matriculado em curso de nível superior ou em educação profissional tecnológica, em curso reconhecido nos termos da legislação;

II – comprovação anual de continuidade dos estudos, com aproveitamento, por pelo menos um dos pais ou responsáveis legais, no curso de nível superior ou em educação profissional tecnológica em que estiver matriculado;

III – conclusão, por pelo menos um dos pais ou responsáveis legais, do curso de nível superior ou em educação profissional tecnológica em que estiver matriculado, em período de tempo que não exceda em 50% (cinquenta por cento) o limite mínimo de anos para sua integralização, fixado pelas normas do Conselho Nacional de Educação.

....." (NR)

Art. 2º A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar com a seguinte alteração:

"Art. 129.....

.....

V - obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolar, de acordo com o regime de estudos, se presencial ou domiciliar;

....." (NR)



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>

Apresentação: 18/05/2022 20:37 - PLEN
PRLE1 => PL 3179/2012
PRLE n.1



* CD 225728891500 *

7

Art. 3º O disposto no art. 246 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, não se aplica aos pais ou responsáveis que optarem pela oferta da educação básica domiciliar, nos termos do art. 1º desta Lei.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa dias) de sua publicação.

Sala das Sessões, em de de 2022.

Deputada LUISA CANZIANI
Relatora

2022

Apresentação: 18/05/2022 20:37 - PLEN
PRLE 1 => PL 3179/2012

PRLE n.1



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Luisa Canziani
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD225728891500>

